

Auta Luciana Laurentino

**A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano
em Barra do Riachão, Pernambuco.**

**Recife
2011**

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Departamento de Educação
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local
- POSMEX

Auta Luciana Laurentino

**A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano
em Barra do Riachão, Pernambuco.**

Recife
2011

Auta Luciana Laurentino

A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão, Pernambuco.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Dr^a Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.

Recife

2011

Auta Luciana Laurentino**A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão, Pernambuco.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como requisito à obtenção do título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Dr^a Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida – UFRPE
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Salett Tauk Santos – UFRPE (Examinadora Interna)

Prof. Dr. Angelo Brás Fernandes Callou – UFRPE (Examinador Interno)

Prof^a. Dr^a. Kátia Medeiros de Araújo – UFPE (Examinadora Externa)

Recife, 16 de março de 2011.

**Dedico a Marco Buhagiar e
a Mariana Laurentino Buhagiar.**

Com efeito, mesmo que a realidade não fosse inesgotável, bastaria a necessidade que tem cada geração – e mesmo cada um de nós – de resolver, por si só, cada problema, em nossa própria linguagem, para tornar o conhecimento aquilo que ele é por natureza – a tentativa, incessantemente renovada, de explicar o homem e o mundo. Talvez seja mais exato dizer, aliás, que o importante é tornar a linguagem comum em carne, e sangue, e ossos, para cada pessoa em particular; e esta é a tarefa que cada pensamento particular, cada geração, cada pessoa, têm de realizar, ao serem chamados a repensar o mundo.

**Ariano Suassuna
(2007, p. 16)**

AGRADECIMENTOS

A constituição e organização de um trabalho como este é uma tarefa, muitas vezes, solitária. Contudo, existem várias pessoas que, de forma direta e indireta, contribuíram para que esta construção fosse possível.

Deste modo, não poderia deixar de expressar, como testemunho de reconhecimento, primeiramente, a minha orientadora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, pelos momentos de convivência que se tornaram inesquecíveis, por serem agradáveis, construtivos, saborosos [sempre acompanhados por uma boa comida], relaxantes, cheios de gentilezas e respeito. Para mim é um privilégio tê-la como professora, orientadora e amiga.

Marco e Mariana, vocês são meus companheiros e, sem dúvida, abraçaram todo o processo de construção com muita paciência, cuidado e estímulo. Essa conquista é nossa.

Em especial, à minha Banca Examinadora, formada pelos professores doutores Angelo Brás Fernandes Callou, Kátia Medeiros de Araújo, Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida e Maria Salett Tauk Santos, por terem participado e contribuído para o desenvolvimento desta dissertação. Foi uma honra tê-los como examinadores.

Ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX/UFRPE, pela oportunidade de realizar os estudos, fundamentais para esta construção.

À minha turma do mestrado, pelas vivências e ricas discussões, especialmente a Iraê e Bruna, pela parceria, cumplicidade, desabafos e realização dos trabalhos em equipe.

À comunidade de Barra do Riachão através das pessoas que atenciosamente me atenderam [Marinalva, Marizete, Pamela, Alice, Andréia, Sr. Getúlio, Dona Rosa, Nalva, Cícera, Dona Amara, Edilânia e Ângela] e muitos outros com os quais convivemos nessa empreitada. Como também à professora Ana Emília G. de Castro, por ter me convidado a conhecer e a participar desta comunidade.

À Flávia Lira pelo companheirismo, estímulo e parceria. À Thaís Cañas pelo apoio, principalmente na FENEARTE, em que realizou as entrevistas junto comigo, e pela atenção com Mariana. À Juliana Couto pela amizade, apreciação e parceria nas leituras.

À CAPES por possibilitar mais tranquilidade nesse período, e por incentivar a pesquisa neste País.

Não poderia deixar de citar a minha família pela torcida. Por fim, como afirmamos, a construção desta dissertação teve o envolvimento de vários

atores, e agradecemos a todos que colaboraram para esta realização, pois se trata da concretização de um grande objetivo pessoal e profissional.

RESUMO

Este trabalho aborda um estudo sobre as novas ruralidades, em que apresentamos a produção artesanal como uma das ocupações existentes nos espaços rurais, que estão tornando possível a dinamização das famílias nas suas comunidades. Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte/ PE, é o *lócus* da pesquisa. O referencial teórico privilegia as categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, além de cotidiano e imaginário. Trazemos os conceitos de Del Grossi e Graziano da Silva (2002), Markus Brose (2004) e José Marcos Froehlich (2002) na perspectiva das novas ruralidades e as suas consequências, Callou (2007), Jesus (2003/ 2007) e Tauk Santos (2000/ 2002/ 2008) sob o âmbito do desenvolvimento local. Na categoria do cotidiano trazemos as teorias de Michel de Certeau (2008/ 2009) e Ataíde de Almeida (1999/ 2000). A metodologia aplicada tem, num primeiro momento, a realização de uma análise dos conceitos teóricos das categorias que dão aporte à pesquisa empírica. Nesta etapa, utilizamos o recurso da história oral através dos conceitos de Paul Thompson (1992) e Ecléa Bosi (1994), com seus estudos sobre memória. A análise dos achados da pesquisa foi realizada com o aporte teórico metodológico da Análise de Discurso (AD), para a desconstrução da produção de discurso, Orlandi (2005). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que coletamos os dados através de entrevista semi-estruturada, a partir de Minayo (1996) e Chizzotti (2006). As entrevistas foram aplicadas a moradores e artesãos da comunidade, por meio de um contato direto, que possibilitou a compreensão das falas de forma espontânea, para a realização posterior das análises, com Szymanski (2004) e Boaventura de Sousa Santos (2008). Como também, a fim de entender a aceitação da produção do grupo de Barra do Riachão, realizamos entrevistas com alguns visitantes em um dos principais eventos nacionais voltados para a comercialização do artesanato. Como resultado, a pesquisa desvela a necessidade de mais investimentos em políticas públicas voltadas à realidade do espaço rural.

Palavras chave: Extensão rural, cotidiano, novas ruralidades e desenvolvimento local.

ABSTRACT

This paper addresses a study on new ruralities in which hand made production is presented as one of the existing occupations in rural areas that enable the dynamization of the families in their communities. Barra do Riachão, a district of São Joaquim do Monte/ PE, is the locus of this research. The theoretical framework emphasizes the following categories: rural extension, new ruralities, local development, and also everyday life and imaginary. We bring the concepts of Del Grossi and Graziano da Silva (2002), Markus Brose (2004) and José Marcos Froehlich (2002), which deal with on new ruralities and their consequences; Callou (2007), Jesus (2003/2007) and Tauk Santos (2000 / 2002 / 2008) under the framework of local development are employed. In the category of everyday life, the theories of Michel de Certeau (2008/ 2009) and Almeida (1999/ 2000). At first, the applied methodology performs an analysis of the theoretical concepts that give support to the empirical research. In this phase, the resource of oral history is applied using the concepts of Paul Thompson (1992) and Ecléa Bosi (1994) and their studies of memory. The findings of the research were analyzed with the assistance of the theoretical methodology of Discourse Analysis (DA), for the deconstruction of speech production, Orlandi (2005). This is a qualitative study in which data was collected through semi-structured interviews, starting with the concepts of Minayo (1996) and Chizzotti (2006). The interviews were administered with direct contact to residents and artisans of the community, therefore allowing the comprehension of spontaneously statements, for a subsequent analysis, with Szymanski (2004) and Boaventura de Sousa Santos (2008). As well, in order to understand the acceptance of group production of Barra do Riachão, we conducted interviews with some visitors on a major national events focused on the marketing of handicrafts. As a result, the research reveals the need for more investment in public policies related to the reality of rural areas.

Key words: Rural extension, everyday life, new ruralities and local development.

LISTA DE SIGLAS

AD - Análise de Discurso

CAC - Centro de Artes e Comunicação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FEMUPE - Feira dos Municípios de Pernambuco

FENEARTE - Feira Nacional de Negócios do Artesanato

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

NUSP - Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social

ONG – Organização Não Governamental

PAB - Programa do Artesanato Brasileiro

PIB - Produto Interno Bruto

**POSMEX - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e
Desenvolvimento Local**

PPA - Proposta do Plano Plurianual

PROMOART – Promoção do Artesanato

**PROEXT-UFPE - Programa de Extensão da Universidade Federal de
Pernambuco**

ProUni - Programa Universidade para Todos

PSF - Posto de Saúde da Família

SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**SICAB - Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro
Pernambuco**

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UPE – Universidade do Estado de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - Novas ruralidades, desenvolvimento local e cotidiano em Barra do Riachão.	28
CAPÍTULO II – Barra do Riachão: o cotidiano do grupo de artesãos.	41
2.1. A comunidade e os sujeitos de Barra do Riachão.	41
2.2. Tem um rio no meu quintal.	42
2.3. A permanência e a não-permanência dos jovens na comunidade.	47
2.4. Agricultura familiar, artesanato e religiosidade em Barra do Riachão.	59
CAPÍTULO III – A rede construída por nós: o olhar dos atores.	67
3.1. O artesanato de Barra do Riachão em Exposição.	67
3.2. Os diversos olhares.	76
3.2.1. O olhar dos atores externos.	76
3.2.2. O olhar dos atores internos.	80
CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE	97
ANEXO	115

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como enfoque um estudo sobre as novas ruralidades, realizada em Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, distante em 149 km de Recife¹. Configura-se a partir de um grupo de pessoas que produzem artesanato com a técnica da rede de pesca, atividade não-agrícola, com o objetivo de gerar renda para as famílias, para que possam melhorar a qualidade de vida e assim permanecer em seu lugar de origem.

A Associação do grupo de artesãos recebeu da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, em 2007, um projeto de intervenção de *Design*. Este projeto estimulou o surgimento de novos produtos artesanais, e possibilitou a divulgação do grupo em outras cidades, através da participação em eventos e feiras. Nesse contexto, nossa pesquisa volta-se para uma análise dos impactos gerados por esta ação junto à comunidade².

O artesanato sempre esteve presente nas experiências cotidianas e festivas da cidade de Bezerros, local em que nasci e cresci. Cidade das máscaras de papel colê, e vizinha à Caruaru - maior produtora de arte figurativa do País. O acesso a toda essa arte era habitual, principalmente através dos brinquedos populares. Não é de admirar que tais brinquedos, artesanais, continuamente frequentes na minha infância, iriam influenciar algumas das minhas decisões na juventude, como a área de trabalho, por exemplo. Todos os sábados, dia de feira ao ar livre em Bezerros, era imprescindível que a minha mãe me trouxesse uma panelinha de barro, de preferência vermelha, com manchas brancas e de duas asinhas. Quando não era panela, podia ser boizinho, boneco, galinha, também em barro, boneca de pano, bonecos de madeira, como o Mané gostoso³, ou ratinho de papel colê. Esse contato com a arte popular despertou meu interesse em entender como se dava a sua produção. Já na vida acadêmica aconteceu, mais uma vez, o

¹ Ver mapa de localização – ilustração 01 no apêndice.

² Esta ação atende a um grupo de artesãos de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, e envolve programas de instituições governamentais como a Universidade Federal de Pernambuco através do Programa Conexões dos Saberes e do NUSP - Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social, além da Prefeitura desta cidade. Este projeto de intervenção, do qual participei como voluntária, tem seu embrião desde julho de 2007, sendo agora trazido como trabalho de pesquisa ao PPG - Extensão Rural e Desenvolvimento Local (POSMEEX) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

³ Trata-se de um brinquedo popular confeccionado em madeira, caracterizado como um fantoche. O corpo do boneco é desenhado na forma bidimensional e este está preso em duas varetas que o sustentam e quando flexionadas dão movimento ao boneco.

encontro com essa cultura, e perceber a possibilidade de incentivar ainda mais a sua existência movimentou e movimenta o meu trabalho até os dias atuais.

Nessa trajetória de pesquisa e trabalho, conhecemos de perto os bastidores da produção artesanal das cidades de Bezerros, com sua arte feita de papel colê e machê; Alto do Moura (Caruaru) e Tracunhaém, com seus bonecos, santos e painéis de barro; Pesqueira, Poção e Jataúba, com a renda renascença, produzida com lacê, linha, agulha e muita criatividade; Passira, com seu bordado manual feito com linha, linho e muitos desenhos de flores; Brejo da Madre de Deus e Garanhuns, com suas fibras, pedras e madeiras; Nazaré da Mata e Aliança, com seus bordados voltados para a existência do maracatu; Conceição das Crioulas (Salgueiro) e Castainho (Garanhuns), duas comunidades quilombolas que apresentam seus produtos através das fibras do caroá e da taboa. Esses são alguns dos lugares que percorremos para conhecer, de forma intensa, a produção artesanal do nosso estado.

Não por acaso, encontramos Barra do Riachão⁴, São Joaquim do Monte, a qual despertou o meu interesse em investigar o que move o desejo de desenvolver o artesanato, como estímulo para mudança da realidade das pessoas da comunidade. Através de linha de algodão natural e uma agulha de bambu⁵ surge o ponto de rede de pesca, que se estende para a produção de vários produtos artesanais⁶. A experiência dessa comunidade, com a produção artesanal, configurou-se como o universo de análise para o desenvolvimento da nossa pesquisa⁷.

Esta temática já vem sendo tratado por diversas áreas da academia. Deste universo, podemos destacar as dissertações desenvolvidas por de Melo e Silva (2007), em que trata sobre as reconversões culturais na cerâmica figurativa do Alto do Moura (Caruaru/ PE); Melo (2007), que trabalha sobre a produção do bordado manual de agricultoras do sítio Varjada (Passira/ PE); Como também, Ventura (1977), a qual apresenta um estudo sobre as

⁴ Ver ilustração 02 no apêndice.

⁵ Ver ilustração 03 no apêndice.

⁶ Ver ilustração 04 no apêndice.

⁷ A produção artesanal de Barra do Riachão foi tema da minha monografia apresentada, em 2009, no curso de especialização em Cultura Pernambucana, da FAFIRE, intitulada: Extensão Rural: Produção artesanal como estratégia para promover a sustentabilidade e o desenvolvimento local da comunidade de Barra do Riachão – São Joaquim do Monte/Pernambuco.

bordadeiras da cooperativa de produção artesanal e industrial de Limoeiro Ltda – COOTARMIL.

Várias manifestações culturais podem representar uma comunidade, uma cidade, uma região, um país. Dessas várias manifestações destacamos, na nossa pesquisa, a produção artesanal, produção cultural que pode ser encontrada em qualquer parte do Brasil e do mundo. Guglielmo (1991) apresenta, na obra *A pré-história: uma abordagem ecológica*, a presença de produtos utilitários já na era do Paleolítico Superior, que começou há cerca de 50.000 anos e está associado às culturas de *Homo sapiens*. Segundo este autor

esse período apresenta rica coleção de objetos de marfim, ossos e chifres; lâminas e outros instrumentos de pedra tornaram-se altamente especializados e cuidadosamente produzidos. A presença de agulhas indica o uso de roupas de peles de animais nas regiões mais frias. Adornos pessoais, pinturas representativas, esculturas e símbolos apontam um salto qualitativo na capacidade de simbolização, ao mesmo tempo em que termina o processo de desenvolvimento biológico da espécie. (GUGLIELMO, 1991, p. 36)

Não se tem, ao certo, uma data específica para indicar o surgimento dessa atividade. O que se sabe é que nesse período a arte já estava presente na vida dos humanos, esboçada através de pinturas e concretizada através da fabricação de utensílios e de indumentárias. Vainsencher (2007) cita em seu texto, *Artesanato do Nordeste do Brasil*, que a arte

é uma das manifestações mais antigas do ser humano, tendo a sua origem na era paleolítica (12.000 a.C.), quando o homem primitivo vivia em bandos nômades dependendo da caça e da coleta de alimentos para sobreviver. O homem de Pequim e o de Neandertal, por exemplo, já sabiam pintar e fabricar instrumentos de pedra, de osso e de madeira. Como prova disso, estão as paredes das grutas e cavernas da França e da Espanha (Lascaux, Niaux, Altamira e tantas outras), representando a fauna daquela época (cavalos, bisões, mamutes e renas). (VAINSENCHE, 2007, p.1)

No Brasil temos a herança do artesanato indígena, considerado por muitos estudiosos como uma arte pura, original, porém recebemos várias influências da imigração ibérica, italiana, francesa, japonesa, africana e de outros povos, que fizeram com que distintas técnicas artesanais fossem

diversificadas e empregadas por aqui, desde o século XVI até os dias de hoje. Podemos concluir, portanto, que a história humana é marcada pela presença de peças artesanais.

Consideramos relevante, neste momento, trazer uma discussão referente ao artesanato, surgida com o advento das máquinas após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, em que a praticidade, a funcionalidade e os novos materiais dominaram o cenário produtivo. Como consequência, no século XIX, houve uma grande inquietação entre arquitetos, artistas e desenhistas industriais em relação à permanência do artesanato, diante da facilidade de produção e de custos promovidos pela rotina mecânica. Nas discussões, chegaram a declarar a decadência e a desaparecimento do artesão. Pevsner (1995), trabalhando a concepção filosófica de William Morris, um dos precursores ideológicos que apadrinhou a fundação da Escola da Bauhaus em Weimar, aponta a influência sofrida por Morris do artesanato gótico para a arte e “a maneira de o homem exprimir o prazer que lhe vem do trabalho. A verdadeira arte deve ser ‘feita pelo povo e para o povo, como uma benção para quem a faz e para quem a desfruta’” (MORRIS apud PEVSNER, 1995, p. 5). Este autor nos explica que Morris defendia apenas o artesanato e, para muitos entusiastas da época, essa ideia “equivale a defender um regresso às primitivas condições medievais, e, sobretudo a defender a destruição de todos os inventos da civilização introduzidos durante o Renascimento” (PEVSNER, 1995, p. 7). Morris investe na ideia de ressuscitar o artesão “numa época em que praticamente todos os objetos de uso cotidiano são fabricados com a ajuda de máquinas, os produtos do artista-artesão só podem ser comprados por um reduzido círculo de pessoas” (Idem, p. 7).

A frieza contida no processo da produção industrial - a corrida desenfreada da produção para o consumo; as diversas inovações sem aperfeiçoamentos; o foco apenas no desenvolvimento econômico, em que, para se alcançar altos índices de produção, envolveram nos processos, por exemplo, mulheres e crianças⁸, em períodos de trabalho extensos e árduos -

⁸ O trabalho era frio como nunca o fora antes na história da Europa. Trabalhava-se de doze a catorze horas por dia, e as portas e janelas das fábricas ficavam sempre fechadas. Empregavam-se crianças de cinco ou seis anos, cujo horário de trabalho foi reduzido em 1802, depois de grandes lutas, para doze horas por dia. Em 1833 trabalhavam nas fiações de algodão: 61.000 homens, 65.000 mulheres e 84.000 crianças menores de dezoito anos. (PEVSNER, 1995, p. 33).

abrange também questões sobre as identidades e as representações culturais importadas nos produtos. Pevsner (1995) traz que “depois da desapareção do artesanato medieval, a qualidade artística de todos os produtos passou a depender de fabricantes incultos” (Idem, p. 32).

Diante desse contexto, Pevsner explica que, nessa época, a arte artesanal tornou-se dispendiosa, pois o artesanato demandava mais tempo, mais trabalho e esforço mental, além de esclarecer que era inútil ressuscitar o artesanato num período em que o público “praticamente já decidira que preferia o trabalho mecânico” (Idem, p. 10). Enquanto Morris defendia a produção artesanal, e achava que o novo sistema mataria a arte, outro arquiteto, Frank Lloyd Wright era entusiasmado com a Idade da Máquina, a ponto de prever que havia “uma possibilidade de salvação para o artesão: basta que este se resolva a aprender humildemente com a máquina” (Idem, p. 17). Com o passar do tempo tais discussões tornaram-se cada vez mais exaltadas, ao ponto que, em 1907, um grupo de fabricantes, arquitetos, artistas e escritores decidiram fundar uma nova sociedade, a Werkbund, com o objetivo de

reunir os melhores representantes da arte, da indústria e do artesanato e do comércio, de conjugar todos os esforços para a produção de trabalho industrial de alta qualidade e de constituir uma plataforma de união para todos aqueles que quisessem e fossem capazes de trabalhar para conseguir uma qualidade superior. (PEVSNER, 1995, p. 22)

Esse grupo de pensadores e trabalhadores defendia o domínio do homem sobre a máquina, fazendo dela uma ferramenta, para guiá-la e controlá-la, fazê-la trabalhar para se ter uma qualidade superior de produção, no sentido de servir à comunidade. Por volta de 1914 é que a arte mecânica começa a ser aceita como outro meio de expressão artística além do artesanato, embora uma questão sempre estivesse nas discussões, tratava-se de saber sobre qual a arte “viria a ser mais importante para o futuro?” (PEVSNER, 1995, p. 23).

Felizmente, apesar do domínio da cultura da produção em massa, sabemos que há espaço para as duas produções. O artesanato conseguiu sobreviver, e é hoje uma das mais importantes expressões da cultura popular

de um povo. No Brasil, o artesanato recebe várias categorizações⁹ e funções¹⁰ de algumas instituições que trabalham diretamente para o estímulo e manutenção dessa produção.

É importante também entendermos qual o conceito atual para o artesanato. Assim, apresentamos o conceito do Programa do Artesanato Brasileiro – PAB (2008), em que oferece uma base conceitual segundo o seu glossário:

A palavra “artesanato” surgiu com a Revolução Industrial com o sentido de ‘feito a mão’ que se opunha à noção de produzido em e por uma máquina. Desde então, o artesanal, invariavelmente é considerado seja por sua utilidade (material ou figurativa) seja pelo valor econômico que agrega. Por meio desses valores é que se mostra como expressão da cultura imaterial (a do saber fazer) e da cultura material (a própria feitura por si mesma) de um povo. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.4)

E complementa que:

Fora do sistema industrial tem como o seu forte a manifestação de valor cultural e a identidade local que é formada por processos sociais por manter uma identidade coletiva, pertencer a uma comunidade. A cultura e sua diversidade (significados, símbolos, rituais, valores, tradições etc) é o seu ingrediente básico. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.4)

Ainda de forma mais específica, o PAB conceitua artesanato e artesão da seguinte forma:

Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.6)

É o trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente

⁹ Artesanato, artesanato tradicional, arte popular, trabalho manual, artesanato indígena, artesanato de reciclagem, artesanato de referência cultural e artesanato contemporâneo-conceitual (BRASIL/ MDIC, 2008).

¹⁰ Adornos e/ou acessórios adereços, decorativo, educativo, lúdico, religioso/ místico, utilitário, profano e lembranças/ souvenir (BRASIL/ MDIC, 2008).

manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças. (BRASIL/ MDIC, 2008, p.6)

Achamos interessante trazer a definição, acerca do artesanato do Nordeste do Brasil, através de uma pesquisa realizada pela Fundação Joaquim Nabuco, por Vainsencher (2007), em que apresenta:

[...] como sendo qualquer objeto comercializável, fruto de um trabalho predominantemente manual, feito com a ajuda de ferramentas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em temática popular e utiliza a matéria-prima local ou regional. Para se inserir na categoria artesanato, então, o objeto necessita ainda: ser produzido na casa do próprio artesão ou em alguma cooperativa do artesão, englobar um número reduzido de peças, ser proveniente de concepção e execução individual, familiar ou grupal, e ter sido elaborado sob o regime de não assalariamento. (VAINSENCER, 2007, p.1)

De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2006), segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, existem cerca de nove milhões de pessoas que vivem do artesanato no Brasil. O setor de artesanato¹¹ corresponde a 2,8% do Produto Interno Bruto – PIB - brasileiro. Este dado nos mostra o quanto é relevante a produção artesanal para o País.

Em relação aos programas e projetos que apoiam a nossa produção artesanal, temos o envolvimento de instituições governamentais e não-governamentais. Dentre estas instituições podemos citar algumas ações desenvolvidas pelo Ministério da Cultura, através do PROMOART¹² – Promoção do Artesanato; o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, através do PAB¹³ – Programa do Artesanato Brasileiro; o

¹¹ O bordado é a atividade artesanal mais presente nos municípios brasileiros, encontrada em 75,4% deles, seguida das atividades com madeira (39,7%), artesanato com barro (21,5%) e artesanato com material reciclável (19,5%). O artesanato de material reciclável teve o maior crescimento entre os dois anos (17,0%), seguido pelo artesanato com fibras vegetais (13,0%). O bordado manteve uma estabilidade no período (0,3%). Mas a maioria das atividades sofreu um decréscimo entre 2005 e 2006. As principais quedas ocorreram no artesanato de renda (-29,0%), metal (-16,4%), pedras preciosas (-14,9%), tapeçaria (-14,5%) e pedras (-13,7%) (IBGE, 2007).

¹² Promover o artesanato de comunidades tradicionais, com ações de valorização e preservação do modo tradicional de fazer, com estratégias de distribuição e inserção diferenciada no mercado, além da criação de um selo de origem controlada a fim de agregar valor ao produto feito por essas comunidades.

¹³ Ganhou status de Programa na proposta do Plano Plurianual – PPA 2004-2007, mantido para o período 2008-2011. O Programa do Artesanato atende: Núcleos produtivos, Organizações formais e Artesãos. O PAB está estruturado em 3 ações: 2704 – Capacitação de Artesãos e Multiplicadores, 2706 – Feiras e Eventos para Comercialização de Produtos Artesanais e 6514 – Estruturação Produtiva do Artesanato

Ministério do Trabalho e Emprego, que trabalha para ajudar o artesão a se definir como profissão; Algumas secretarias Estaduais e Municipais; as Universidades Federais, como também o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE¹⁴, através do Programa de Artesanato e dos Centros de Design, Artesanato Solidário¹⁵, Comunitas, Visão Mundial¹⁶, entre outros.

Damos ênfase ao PAB porque este Programa está coletando dados sobre os artesãos brasileiros, com a finalidade de estabelecer uma legislação regulamentadora, sugerir políticas públicas e ações governamentais. Para isso, conta com as Coordenações Estaduais do Artesanato, as quais estão cadastrando os artesãos, com o objetivo de unificar as informações em âmbito nacional, para disponibilizar via internet.

Esse cadastro vem sendo realizado através do SICAB - Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro. Assim sendo, 23 dos 27 Estados já estão com informações lançadas nesse sistema, totalizando um número de 34.109 artesãos cadastrados em todo País¹⁷.

Brasileiro. O seu objetivo é o de fortalecer a competitividade do produto artesanal para promover seu acesso ao mercado e a geração de trabalho e renda, priorizando: elaboração de políticas públicas, desenvolvimento de ações que valorizem o artesão, estímulo ao aproveitamento das vocações regionais e formação de uma mentalidade empreendedora (MDIC, 2009).

¹⁴ O Programa de Artesanato do SEBRAE capacita artistas empreendedores e fomenta o mercado do artesanato. Nas 27 Unidades Federativas do país, investe em estratégias de atuação diferenciadas que possibilitam o desenvolvimento de cada categoria de artesanato, mantendo, entretanto, os valores simbólicos dos modelos culturais. O SEBRAE, para elaborar estratégias de apoio à produção, fundamenta-se nas categorias do artesanato, nos usos dos produtos resultantes dele e nas organizações do trabalho artesanal, de maneira a atender às diferentes necessidades dos artesãos espalhados pelo Brasil.

¹⁵ Atende comunidades atingidas pela seca da região Nordeste e do Norte de Minas Gerais. Teve como Presidente da Comunitas Ruth Cardoso que trás no Prefácio da obra *Da Sede ao Pote* os seguintes dados "Nessa trajetória iniciada em 1998, o ARTESANATO SOLIDÁRIO ampliou sua esfera de atuação – beneficiando cerca de 3 mil artesãos em 68 municípios de 15 estados brasileiros" (CAVALCANTI, 2003, p. 11). O *Artesanato Solidário/ArteSol*, atualmente, já desenvolveu mais de 90 projetos em 17 Estados brasileiros.

¹⁶ Dentre as ações desenvolvidas no programa de Comércio Solidário da Visão Mundial, destacam-se a promoção dos produtos em feiras e eventos nacionais e internacionais, desenvolvendo intercâmbios culturais, a assessoria em negociações junto a compradores nacionais e internacionais, a capacitação e treinamento nas áreas de negócios, design, criação de novos produtos e organização e o desenvolvimento de embalagens, folders e material de marketing. Essas ações geraram impactos positivos como a organização dos grupos produtivos, a melhoria na qualidade dos produtos, a crescente participação das mulheres nos empreendimentos comunitários, a utilização de materiais atóxicos e madeira certificada na fabricação de artesanato, o incremento na renda familiar, a exclusão do trabalho infantil e a inclusão de jovens no processo produtivo, combatendo a delinquência juvenil. Em 2004, a Visão Mundial ajudou a criar a Ética Comércio Solidário, uma sociedade entre ONGs e associações de pequenos produtores, que coloca produtos agropecuários, artesanais e confecções de grupos associativos brasileiros nos mercados internos e externos, oferecendo assim oportunidades justas de comercialização. A empresa tem os certificados para exportação FLO (Fair Trade) e IBD (Orgânico).

¹⁷ Ver a distribuição dos artesãos por Estado na Tabela n. 1, em anexo.

A partir dos dados coletados, foram apresentadas, em setembro de 2009, informações que nos dão suporte para contextualizar a produção artesanal no Brasil. Em resumo, temos, em relação a gênero, que 79% da formação desse público é do sexo feminino; quanto à localização, 88% dos artesãos estão na Zona Urbana, e apenas 12% do universo total estão nas Zonas Rurais, 89% trabalham nas suas próprias residências, exclusivamente, 7% trabalham em centros, associações e cooperativas e 4% em outros lugares; indica, além disso, que 71% trabalham sozinhos, como também que apenas 21% trabalham em tempo integral. Mais um dado que nos chamou a atenção é que nesse universo 52% possuem uma renda inferior a um salário mínimo, embora 42% indiquem ganhar de 1 a 5 salários por mês. O principal problema apresentado por 33% dos cadastrados é a comercialização. Dessa forma, 49% dos artesãos comercializam nas suas residências, 22% participam de eventos e feiras (BRASIL/ MDIC, 2009).

Para a realização desta pesquisa, trabalhamos com um grupo de artesãos de Barra do Riachão, comunidade de São Joaquim do Monte, que acatou uma proposta de intervenção, em busca de conseguir melhorias na qualidade de vida para a sua comunidade, através da produção de atividades não-agrícolas, como uma solução para geração de renda. Neste sentido, este trabalho aborda um estudo sobre as novas ruralidades, em que apresentamos a produção artesanal como uma das ocupações existentes nos espaços rurais, que estão tornando possível a dinamização e a manutenção das famílias nas suas comunidades de origem.

Assim, o objetivo desta pesquisa volta-se para analisar o projeto de *Design* e artesanato, implementado na comunidade Barra do Riachão, na perspectiva do desenvolvimento local¹⁸. Analisamos o contexto social do grupo de artesãos da associação local de Barra do Riachão em relação à produção artesanal, à geração de renda, antes e depois daquela intervenção de *design*.

Buscamos entender, nesta pesquisa, de que forma a inserção de novos produtos, na produção tradicional do artesanato de Barra do Riachão, traz benefícios para o grupo de artesãos e para a comunidade? Como se configura

¹⁸ A explicação desta nota encontra-se na nota 1.

o estímulo à apropriação dessa produção, na perspectiva de desenvolvimento local? Em que aspecto as ações extensionistas estimulam o capital social, do grupo de artesãos, desta comunidade? Como a comunidade recebe este tipo de intervenção na produção artesanal?

O referencial teórico privilegia as categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, cotidiano e imaginário, os quais serão trabalhados no primeiro capítulo. Trazemos os conceitos de Del Grossi e Graziano da Silva (2002), Markus Brose (2004) e José Marcos Froehlich (2002) na perspectivas das novas ruralidades e as suas consequências, Callou (2007), Jesus (2003/ 2007) e Tauk Santos (2000/ 2002/ 2008) sob o âmbito do desenvolvimento local. James S. Coleman (2001), Pierre Bourdieu (1989/ 1998/ 1996), Robert D. Putnam (2001) enquanto teorias voltadas ao capital social. Em Freire (1983) trabalharemos a partir das suas idéias de comunicação horizontal e participativa. Na categoria do cotidiano trazemos as teorias de Michel de Certeau (2008/ 2009) e Almeida (1999/ 2000).

A metodologia aplicada tem, num primeiro momento, a realização de uma análise dos conceitos teóricos das categorias que darão aporte à pesquisa empírica. Nesta etapa, utilizamos o recurso da história oral a partir de Paul Thompson (1992) e Ecléa Bosi (1994), com seus estudos sobre memória, que nos auxiliarão na pesquisa. Em seguida, analisamos as ações, programas e oficinas realizadas com os artesãos entre 2008 e 2010. Esta análise foi realizada a partir da observação e do uso de entrevistas na linha teórica da História Oral.

Nessa conjuntura, trazemos uma pesquisa qualitativa, traduzida na percepção e nas representações de um grupo, uma vez que não podemos reduzi-la à execução de números e variáveis, como apresenta Minayo (1996) ao considerar os aspectos subjetivos numa pesquisa e trazê-los como “impossíveis de serem sistematizados em dados estatísticos” (Idem, p. 11). Esta autora nos explica que a sociologia compreensiva, a qual busca através da pesquisa compreender a realidade humana na sociedade, se opõe ao positivismo¹⁹ por que:

¹⁹ Nos séculos XVII, XVIII e XIX florescem as ciências positivas nas quais se valorizam os objetivos mensuráveis e quantificáveis, quando as ciências sociais chegam a dominar o mundo, de maneira que o saber científico se valoriza acima de qualquer outra forma de conhecimento. Esse saber é considerado,

essa corrente não se preocupa de quantificar, mas de lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência, e da explicação do senso comum. (MINAYO, 1996, p. 11)

Partindo do pressuposto de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, entre o sujeito e o objeto, Chizzotti (2006) afirma que há “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Idem, p. 79). Por isso, o conhecimento não deve reduzir-se a dados isolados, separados e ilustrados apenas por uma teoria, em que o pesquisador é um ator passivo, não interage e trabalha de forma distante. Na verdade, o pesquisador tem um papel essencial da pesquisa qualitativa, em que:

o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significado e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2006, p. 79)

Quando trabalha sobre os dados, este autor defende que não devem ser tratados de forma isolada, pois se trata de fenômenos que “se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos” (Idem, p. 84). Explica que nesta relação, todos os atores/sujeitos são iguais, são capazes de trazer aspectos relevantes para a pesquisa. Pimenta (2006) confirma esta afirmativa quando diz que “para o pesquisador qualitativo, todos os contextos e pessoas são dignos de estudo. Nenhum aspecto da vida social é demasiadamente frívolo ou trivial para ser estudado” (Idem, p. 75).

A pesquisa de campo tem como *lócus* a comunidade de Barra do Riachão, onde coletamos os dados através de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram aplicadas a moradores e artesãos da comunidade, por

em suma, confiável, objetivo e independente das motivações ou crenças das pessoas que o procuram e sustentam (PIMENTA, 2006, p. 71). A medida do verdadeiro em pesquisas do âmbito social não é a mesma do verdadeiro das ciências naturais. Nesta, “considera-se que um conhecimento é válido se, repetindo a experiência tantas vezes quanto necessário e nas mesmas condições, chega-se aos mesmos resultados” (LAVILLE, 1999, p 35), tendo suas medidas passíveis de serem quantificadas. Mas já para as ciências humanas, o número e a complexidade dos fatores tornam difíceis as definições de exatidão. O verdadeiro passa então a ser relativo ou provisório. “O positivismo mostrou-se, portanto, rapidamente enfraquecido, quando se desejou aplicá-lo no domínio do humano” (Idem, p 35).

meio de um contato direto, que possibilitou a compreensão das falas de forma espontânea, para a realização das análises. Nesta fase, utilizamos o recurso da gravação em áudio, que segundo Richardson (1999), contribui para a confiabilidade dos dados. Para este autor “no método qualitativo, existe uma relação muito próxima entre pesquisador e informante, o que possibilita informações detalhadas” (Idem, p. 87).

Em relação à utilização da entrevista como procedimento de pesquisa, nos utilizamos da abordagem de Szymanski (2004), a qual considera que esse instrumento permite uma interação social, possibilita a organização das ideias, traz recortes de experiências, consente o repasse de informações, além de dar a oportunidade ao entrevistado de falar e de ser ouvido. A entrevista é um encontro provocado pelo pesquisador, ator social, na qual são produzidos discursos, dos atores envolvidos, que terão relevância e contribuição para a resposta do problema a ser pesquisado. Assim sendo, para Szymanski

a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação. A intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações; pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra. [...] A concordância do entrevistado em colaborar na pesquisa já denota sua intencionalidade – pelo menos a de ser ouvido e considerado verdadeiro no que diz - , o que caracteriza o caráter ativo de sua participação, levando-se em conta que também ele desenvolve atitudes de modo a influenciar o entrevistador. (SZYMANSKI, 2004, p. 12)

Dar aos atores sociais anônimos²⁰ a oportunidade de falar, os quais muitas vezes foram ignorados, até mesmo pelas ciências sociais, segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), possibilita-nos uma aproximação com o conhecimento prático e, desta forma, permite-nos ampliar a concepção sobre os fatos. No seu livro *As vozes do Mundo: reinventar a emancipação social*

²⁰ Este tema é tratado pelo autor Eric J. Hobsbawm (1999), em seu livro *Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. Como também, na obra *História em cousas miúdas* dos autores CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (2005).

para novos manifestos, Santos apresenta catorze entrevistas de atores sociais de seis países (África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia, Moçambique e Portugal), trabalhando com o conceito de senso comum, que anda concomitante com o de conhecimento científico. Santos afirma ser o conhecimento científico limitado, apesar de toda a sua relevância, ele representa apenas uma das formas de conhecer o mundo:

o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos não científicos, tornará possível uma compreensão mais ampla do mundo e uma complementaridade entre conhecimento científico e não científico na tarefa de reinventar a emancipação social. (SANTOS, 2008, p. 15)

Thompson (1992) entende que a entrevista desvela e faz emergir documentos silenciados e negligenciados no cotidiano. Para o autor, a entrevista “propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados” (Idem, p. 25).

A prática do artesanato na comunidade existe há um século. Isto significa que a comunidade já possui um envolvimento e uma tradição histórica com a produção artesanal. Este estudo se apropria da história oral, através da técnica de entrevista aplicada a treze pessoas eleitas em função de sua relevância na comunidade.

Neste processo metodológico, após a coleta dos dados, conforme caracteriza a pesquisa qualitativa, entramos na análise da produção de discursos a partir da sua desconstrução, em que categorizamos as experiências cotidianas dos atores sociais envolvidos nesse estudo. A fase da análise excede o período de coleta de dados, e reflete a qualidade das análises desenvolvidas na primeira etapa da pesquisa, período da realização das entrevistas. Deste modo, Pimenta (2006) afirma que “tal movimento possibilitará a construção de dados científicos que expressem a realidade daquele grupo específico de sujeitos, nas condições em que foram coletadas e frutos de suas histórias de vida” (Idem, p. 134).

Entre os sujeitos eleitos nesta pesquisa, num universo de jovens e adultos, destacamos duas pessoas com idade superior a sessenta anos, Dona Rosa e Dona Amara, moradoras há mais tempo em Barra do Riachão, para podermos colher um olhar mais antigo sobre a produção artesanal na

comunidade. Essa escolha justifica-se pelas experiências e lembranças que essas pessoas puderam trazer, e, assim, contribuíram de forma relevante para a fundamentação da nossa pesquisa. Nesta ótica, para Bosi (1994) as “memórias de velhos” se ocupam de forma consciente e atentamente do seu passado, da importância da sua vida e, assim, suas lembranças tornam-se “uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (Idem, p. 63).

A análise dos achados da pesquisa será realizada com o aporte teórico metodológico da Análise de Discurso (AD), para a desconstrução da produção de discurso que compõe as entrevistas, à luz das categorias eleitas nesta pesquisa. Na perspectiva da AD, o discurso é desconstruído, interpretado, organizado a partir da construção de sentidos, possibilitando a indicação de categorias e linearidades que proporcionam a compreensão das relações de sentido, na produção do discurso em seu contexto. A Análise de Discurso, segundo Orlandi (2005), considera que a linguagem não é transparente e, desse modo, ela não procura desvendar o texto para encontrar um sentido puro e original do outro lado. Portanto:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive (...) o discurso é esse lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/ para os sujeitos. (ORLANDI, 2005, p. 17)

A AD, como instrumental metodológico, foi aplicada para a análise das falas colhidas através das entrevistas. Convivemos com o grupo de artesãos desde 2008, mas, durante a realização da pesquisa, sentimos a necessidade de escutar, além das suas ideias, a opinião dos consumidores. Então, no período de um dos principais eventos para o grupo, a FENEARTE (Feira Nacional de Negócios do Artesanato), observamos e entrevistamos quarenta e três pessoas e, no universo da comunidade, treze pessoas.

Na construção desta dissertação trazemos três capítulos e uma conclusão.

O capítulo I - Novas ruralidades, desenvolvimento local e cotidiano em Barra do Riachão, trabalha os conceitos teóricos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa;

O capítulo II - Barra do Riachão: o cotidiano do grupo de artesãos, trabalhando a partir da fala dos sujeitos, com o olhar das categorias teóricas, sobre o seu lazer e dia-a-dia na comunidade;

O capítulo III - A rede construída por nós - o olhar dos atores, traz a inserção do grupo de artesãos no mercado, através de uma análise do processo vivenciado em evento, como também, trabalha as distinções entre os atores envolvidos.

CAPÍTULO I – Novas ruralidades, desenvolvimento local e cotidiano em Barra do Riachão.

O município de São Joaquim do Monte possui uma população de 20.489, segundo Censo Demográfico 2010²¹, sendo 14.122 da área urbana (68,92%) e 6.367 da área rural (31,08%). Em relação aos aspectos históricos, foi levado à categoria de município em 1928, o qual se desmembrou da cidade de Bonito-PE e, em 1943, passou a chamar-se Camaratuba, nome substituído posteriormente por São Joaquim do Monte, em 1948.

Barra do Riachão é uma das suas comunidades rurais, e possui 772 habitantes. Nela, as pessoas cresceram vendo a produção da rede de pesca e, muitas, se tornaram especialistas no domínio desta técnica. Só não imaginavam que essa atividade artesanal, não-agrícola, além de ser um dos aspectos da tradição local, poderia mudar a realidade na comunidade, trazendo vários benefícios e oportunidades que contribuem para a viabilização do desenvolvimento local. Benefícios que incluem a dinamização do meio rural, a geração de renda, produzem ocupação para quem não trabalha diretamente com a produção agrícola, como também, complementa a renda de quem trabalha com essa atividade, promove o encontro, a melhoria da auto-estima e autonomia das mulheres, por não se verem apenas como donas do lar, mas sim, capazes de contribuir com as despesas da família.

Esta comunidade dispõe, na sua infra-estrutura, de energia elétrica, abastecimento de água e de algumas ruas calçadas. Em termos de instituições, organizações e comércio, possui uma associação (a Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente), duas igrejas, sendo uma católica e outra evangélica, uma unidade dos correios, um Posto de Saúde da Família (PSF) e uma escola pública (a Escola Intermediário Vitória Tenório Vaz), além de alguns pontos de comércio.

Sua população sobrevive da agricultura e da pesca de subsistência, do artesanato e dos programas de apoio do governo (Programa do Leite, Bolsa Escola, Vale Gás, Programa de Saúde da Família, entre outros). Nessa conjuntura, surgiu em 2002 uma associação – Associação dos Agricultores do

²¹ Em relação ao número de habitantes de Barra do Riachão, informamos os dados do Censo realizado em 2000. Apesar de termos acesso as informações do censo 2010, os dados atualizados sobre cada localização da zona rural do município não estão disponíveis.

Sítio Batente - com moradores inquietos, que sentiram a necessidade de buscar mais recursos para melhorar a qualidade de vida das pessoas da comunidade.

Percebemos que a estratégia da associação foi o empoderamento da técnica artesanal para promover essa mudança, pois, através do artesanato, esses atores vêm conseguindo apoio de instituições governamentais, e com isso, têm gerado produtos para venda que estão proporcionando rendimentos ao grupo. Porém, entendemos que os rendimentos obtidos pelos artesãos vão além do econômico, pois o que se percebe é um grande esforço do grupo para promover a valorização e divulgação da cultura local. Valorização de uma comunidade que produz rede de pesca há mais de um século, e que só agora, com algumas ações implementadas, voltadas para a produção artesanal, é que se está despertando nas pessoas envolvidas um sentimento de valor e de reconhecimento dessa tradição.

A mobilização e o comprometimento do grupo atraiu projetos (como o do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social – NUSP, com o Projeto Municípios Saudáveis) e programas de apoio (PROEXT-UFPE no programa de extensão) da UFPE, os quais envolveram alunos e profissionais da área de *design*, serviço social, enfermagem e antropologia, que somaram suas experiências acadêmicas às experiências e habilidades da comunidade, na busca pela melhoria da qualidade de vida do grupo.

Através desses programas da universidade foi possível realizar uma ação de *design* junto aos artesãos da associação. Nesta ação, foi diagnosticado que a comunidade tem tradição na produção da rede de pesca e na produção de panela de barro, porém, a técnica da rede de pesca foi a que mais resistiu às mudanças culturais e aos artefatos industriais existentes. Foi com essa técnica que o grupo de dezesseis artesãos e a equipe de *design* desenvolveu produtos utilitários e decorativos, que estão sendo inseridos no mercado e, de forma gradativa, estão promovendo um retorno financeiro mais efetivo para o grupo. Grupo que hoje se chama Arte Calango e envolve trinta e cinco integrantes.

A postura empreendedora de alguns atores de Barra do Riachão em relação à produção artesanal, a valorização da tradição, o movimento popular, o desejo de sair da exclusão e de se reconhecer como cidadão, nos leva a

acreditar que o grupo tem um grande potencial para promover melhorias significativas nesta comunidade. Esta promoção fica clara na fala de Jesus (2003), quando cita:

pode-se, pois, dizer que se está perante uma iniciativa ou um processo de desenvolvimento local, quando se constata a utilização de recursos e valores locais sob o controle de instituições e de pessoas do local, resultando em benefícios para as pessoas e o meio ambiente. (JESUS, 2003, p.72)

Enxergamos esse processo de mudança presente em Barra do Riachão. Jesus contribui com a discussão sobre desenvolvimento local, quando explica que, para acontecer esse processo, existe um movimento entre pessoas e instituições, que dialogam em busca de objetivos de transformação da economia, através de oportunidades de trabalho e geração de renda, e da sociedade local, através da superação das suas dificuldades.

Após o desenvolvimento das ações anteriormente citadas, percebemos que a gestão pública local, através da prefeitura, procurou se aproximar da comunidade e começou a querer se envolver, ou seja, o processo de investimento se inverte. Esse movimento nos leva a Tauk Santos (2002), quando explana sobre a participação popular se sobressaindo da elite, das velhas identidades nacionais, em que o povo participa efetivamente da construção de sua cidadania, podendo levar ao fenômeno do desenvolvimento local. Esta participação acontece na comunidade de Barra do Riachão, onde os atores locais se estruturam e se mobilizam com base nas suas potencialidades e na sua cultura.

Neste contexto, Jesus considera o desenvolvimento como um processo que promove a mudança e, para que este fenômeno seja entendido, precisa-se perceber que tal mudança só será efetiva se contemplar a totalidade de uma sociedade ou, pelo menos, se originar benefícios para uma maioria de indivíduos desta sociedade. Conclui esse raciocínio enfatizando que este processo pode resultar de iniciativas endógenas, resultante de iniciativas exógenas (JESUS, 2003).

Focamos os estudos nos processos de envolvimento dos atores nas atividades não agrícolas, a produção artesanal. Isto confirma a revelação feita pelos estudos da extensão rural no âmbito do desenvolvimento local, nos

últimos dez anos, em que apontam as estratégias organizacionais das populações rurais:

as formas associativas e cooperativas de produção se diversificam no meio rural; que enxerga o campo como território das culturas populares híbridas, abandonando a visão romântica das populações rurais imunes à cultura de massa; e que atua num cenário de embate das lutas populares na perspectiva da “concertação” e do desenvolvimento com sustentabilidade. (CALLOU, 2007, p. 107)

São essas formas e adaptações criativas das organizações populares que nos leva ao interesse pela pesquisa e, a partir destas, dialogar sobre o cotidiano popular, as soluções encontradas, as práticas de resistência e a valorização da cultura.

Dessa forma, acerca das ocupações, buscamos suporte nas teorias sobre novas ruralidades abordadas por Del Grossi e Silva (2002), essencialmente no texto O Novo Rural: uma abordagem ilustrada, em que os autores trabalham os processos de transformações que ocorreram no meio rural brasileiro, a partir dos anos 80, denominado de “Novo Rural”. São atividades voltadas para o setor econômico, algumas delas seculares e antes pouco valorizadas, que integram os três grandes grupos desta produção, em que temos: uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não-agrícolas e um conjunto de novas atividades agropecuárias. Essas atividades estão fortalecendo o meio rural, através das novas ocupações e novas atividades agrícolas e não-agrícolas, as quais geram emprego e renda, tornando o espaço rural um espaço que rechaça o êxodo para a cidade. Tais atividades levam as famílias que trabalham com atividades agrícolas para as pluriativas, e depois para as não-agrícolas, revelando a importância das fontes de rendas não-agrícolas no espaço rural.

Brose (2004) contribui com esta discussão quando afirma que, no Brasil, cerca de um terço da população nacional, 81% dos municípios, são essencialmente rurais. Com isso, temos uma das maiores populações rurais do mundo. No entanto, esta mesma população não tem acesso a terra e à educação pública. Nesta análise, enfatiza que o meio rural não é apenas

agrícola. Este autor acentua a inoperância do paradigma de desenvolvimento rural, o qual tem seus cânones a produção voltada para o setor agrícola, em que não se vê a obtenção de resultados que promovam a melhoria na qualidade de vida destas populações, e que, inclusive, não reduziu a pobreza.

Ainda sobre o tema das novas ruralidades, Froehlich (2002) trabalha a ressignificação dos discursos sobre o espaço rural, com a revalorização deste espaço. Todavia, chama a atenção para o cuidado com os trabalhos escritos sobre o tema, que tratam as atividades não-agrícolas como fenômeno para o desenvolvimento rural.

Este autor lembra que se deve ter cuidado com os impactos gerados pela transferência de novas atividades para o rural, pois entende que estas atuam nos processos cotidianos, e podem muitas vezes obrigar a população rural, principalmente os agricultores familiares e trabalhadores agropecuários, a se adaptarem a novas situações sociais, através de imposições ou intervenções exógenas, que nem sempre lhes são favoráveis nos jogos de força sociais.

A intervenção exógena presente em Barra do Riachão está ligada a algumas ações realizadas por um programa de apoio da PROEXT-UFPE, o de extensão da UFPE, através de uma equipe de professores, alunos e profissionais da área de *design*. Este programa foi inserido por meio de uma indicação da equipe do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social (NUSP), que atua na cidade de São Joaquim do Monte. A partir dessa indicação, a equipe de *design* começou a intervir na produção artesanal, junto a Associação dos Agricultores do Sítio Batente da comunidade.

A aproximação com essa organização popular vem promovendo transformações na arte de fazer peças artesanais, com o ponto de rede de pesca. Além das inovações nos produtos, pois a produção foi ampliada para peças utilitárias e decorativas (como capa para almofada, jogo-americano, toalha de mesa, cortina, tapete), além de acessórios de moda (como bolsas, colares, boleros, blusas, faixas e tiaras), contamos com a iniciação de pessoas jovens no artesanato, em sua maioria mulheres.

As vendas desses produtos começaram a ser realizadas fora da comunidade, com uma abrangência maior nas cidades vizinhas e na Capital do Estado. Apesar dessa freqüência ainda ser pequena, o que corresponde

apenas à participação em eventos e feiras culturais, já representa ganhos para o grupo envolvido, pois antes eram produzidas apenas redes de pesca e vendidas em Agrestina ou Caruaru, que são cidades vizinhas a esta comunidade.

Os resultados para a produção artesanal, após a intervenção de design, começam a aparecer. O grupo, hoje denominado Arte Calango, participou da X e da XI FENEARTE²², realizada no mês de julho de 2009 e 2010, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda, e desempenhou uma venda significativa para os artesãos. Citamos esta feira, como exemplo da participação do grupo, por se tratar de um dos maiores eventos para o artesanato do país. A participação nela requer todo um planejamento anterior. O trabalho de criação e execução das peças antecede em mais de três meses, período em que os artesãos investem bastante tempo na produção. Apesar do resultado nesta feira e em outros eventos, essa dinâmica de produção, focada apenas em eventos pontuais, é em alguns casos, desestimulante, pois as necessidades financeiras diárias fazem com que as artesãs, por exemplo, busquem ganhar dinheiro com outras atividades, como a coleta de produtos para reciclagem, a produção e venda de comidas como a tapioca, a costura e o plantio, entre outras atividades presentes no cotidiano destas mulheres.

Em relação à comunidade, ainda não podemos assegurar ou negar a presença de benefícios. Porém, sabemos que o fortalecimento da produção artesanal local estimula a geração de benefícios para a comunidade. Esse movimento de pessoas da localidade, e a presença de instituições, faz parte de uma ação que tem a intenção de promover melhorias de vida nesse espaço rural. Assim, podemos trazer a definição de desenvolvimento local através das ideias de Jesus (2003), quando afirma que a efetivação do desenvolvimento é possível diante de

[...] um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade local, criando oportunidades de trabalho e renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local. (JESUS, 2003, p. 72)

²² Ver ilustrações 05 e 06 no apêndice.

Falar de desenvolvimento nos leva a uma reflexão pertinente, a da sustentabilidade. Jesus nos apresenta a concepção de desenvolvimento sustentável de Coelho (1996), em que traz como

[...] um plano de ação coordenado, descentralizado e focalizado, destinado a ativar e melhorar de maneira sustentável as condições de vida dos habitantes de uma localidade, e no qual o desenvolvimento estimula a ampla participação de todos os atores relevantes. (COELHO, 1996 apud JESUS, 2003, p. 72)

A participação dos artesãos, integrantes da Associação, na nova produção artesanal, foi entendida como prioridade pela ação de *design* para que os resultados do projeto de intervenção fossem alcançados. Dessa forma, o gerenciamento das ações de intervenção, junto à produção artesanal, foi realizado a partir do comprometimento do grupo de artesãos em correr riscos e apostar nas inovações. A inovação pode surgir de um produto já existente, onde são sugeridas apenas algumas melhorias (como acabamentos e dimensões), ou se criar um produto totalmente novo, com a técnica que o grupo de artesãos domina.

Os *designers* e os artesãos trabalharam juntos, em todas as etapas de desenvolvimento dos produtos, desde o planejamento e especificação, até a orientação para o mercado, além de alguns aspectos internos, referentes ao grupo e a produção. Cabe aqui trazer as idéias de Tauk Santos, quando se refere à concepção de Paulo Freire, sobre a comunicação participativa como estratégia para promoção de mudanças sociais

A mudança neste modelo seria resultante de um processo no qual os atores sociais seriam o objeto da mudança; e passa-se a ver a comunicação como prática “dialógica”, que concebe a mudança como uma ação ativa dos atores envolvidos no processo, empenhados, no dizer de Paulo Freire, “na transformação constante da realidade” (1985). (TAUK SANTOS, 2000, p. 293)

Paulo Freire (1983) traz a comunicação como prática dialógica, ou seja, privilegia o diálogo na comunicação entre agentes externos e integrantes de uma sociedade, acredita na valorização do homem para suscitar mudanças no

processo da transformação da realidade, e na troca de conhecimentos que se dá em ações de intervenção:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito face ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1983, p. 27, grifo do autor)

Esse processo de dinamização do espaço, neste caso o rural, não deve sofrer transformação se não forem utilizados os recursos e as potencialidades locais. O capital social e humano, por exemplo, deve ser aproveitado e estimulado, pois muitas ações de intervenção são pontuais, ligadas a ações governamentais ou não-governamentais, com prazos e investimentos limitados, determinados. Entramos na discussão sobre capital social por meio de Bourdieu (1998), em que nos apresenta uma definição acerca deste tema em seu artigo O capital social – notas provisórias, como sendo

um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimentos e de inter-reconhecimentos ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67)

Uma rede de relações, explica-nos este autor, é resultado de um trabalho de instauração e de manutenção, que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, aptas a proporcionar lucros materiais e simbólicos. Entendemos que a associação presente em Barra do Riachão, as pessoas que a integram, faz parte desse capital social da comunidade, e que esse potencial não se esgota nesse grupo. O que quer dizer que outros grupos, outras pessoas na localidade podem representar e desenvolver esse papel.

Consideremos que, por questões políticas partidárias, familiares, de crenças ou de ideias, algumas pessoas, com potenciais específicos, podem ficar fora de uma ação de intervenção; contudo, não está fora da rede, do

contexto local. Podemos imaginar a possibilidade de se ter pessoas reconhecidas e respeitadas na comunidade, mas que não comungam com as ideias e propostas estimuladas por agentes externos. Como também, podemos imaginar que um potencial humano pode deixar de ser estimulado, pela ausência de orientação e de oportunidade de formação.

Assim, devemos considerar que, para se gerar alguma transformação em um grupo ou localidade, a reprodução de uma relação durável e útil deve envolver e estimular as pessoas que integram os lugares a serem desenvolvidos. A relação institucional durável e útil também é possível, mas não acreditamos que as ações pontuais sejam o caminho para essa relação, ou que tão pouco consigam gerar algum resultado útil, como o da mudança, sem que se invista num envolvimento coletivo dos habitantes de uma comunidade, por exemplo.

Ao tratar sobre capital social, Putnam (2001) trabalha na perspectiva da organização social, considera que este proporciona benefícios, porém não o trata como uma relação permanente e útil, como esclarece Bourdieu. Apresenta uma diferença entre capital social e capital convencional, em que explica que o capital social é um “bem público”, que não é propriedade privada daqueles que se beneficiam dele. Para o autor:

O capital social refere-se a características da organização social, como exemplo redes, normas e confiança, que facilitam a cooperação e a coordenação em benefício mútuo. O capital social aumenta os benefícios da inversão em capital físico e humano. (PUTNAM, 2001, p. 90)

Já o conceito de capital social acerca das estruturas sociais, a partir da teoria da ação racional, desenvolvida por Coleman (2001), esclarece que o ator controla e tem interesses em determinados recursos, deste modo, constitui um tipo particular de recurso à disposição do ator. Para este autor, o capital social se define por sua função, dessa forma:

Não é uma entidade singular, mas uma variedade de entidades distintas com dois elementos em comum: todas elas contem alguma dimensão das estruturas sociais, e todas elas facilitam certas ações dos atores – sejam pessoas sejam atores corporativos – dentro da estrutura. Tal como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a consecução

de determinados fins, inalcançáveis sem ele. Assim como capital físico e o capital humano, o capital social não é completamente fungível, mas pode ser específico de certas atividades. Uma forma dada de capital social, que resulta valiosa para facilitar determinadas ações, pode ser inútil ou inclusive prejudicial para outras. (COLEMAN, 2001, p. 51)

Apesar de não aprofundarem o capital social na sua essência, como Bourdieu, que considera uma relação permanente e útil, esses autores chamam a atenção para a possibilidade do uso do capital social em benefício de alguns e detrimento de outros. Putnam (2001) preocupa-se em esclarecer sobre as desigualdades sociais, afirmando que estas podem reproduzir-se no capital social. Conclui que as normas e as redes que servem para alguns grupos podem obstaculizar outros, em particular se as normas são discriminatórias ou as redes socialmente segregadas.

Contudo, o capital social distingue-se conforme a sinergia entre os atores que compõem uma relação de convívio, pois, segundo Boisier (1999), tem-se que considerar a natureza intangível dos fatores causadores do desenvolvimento, de forma que os capitais intangíveis relacionem-se com o capital cognitivo, cultural, simbólico, social, cívico, institucional, psicossocial, humano e midiático. O desdobramento sinérgico do capital social, para este autor, está relacionado às práticas cotidianas, em que o envolvimento e as ações coletivas são imprescindíveis.

Como em toda comunidade, em Barra do Riachão temos pessoas que se destacam por exercerem um papel importante dentro de um grupo, em que aparecem as funções de líder, de administrador, de animador, de produtor, de inovador, entre outros aspectos. Convivendo com as pessoas da associação de Barra, percebemos algumas das potencialidades do grupo. A presidente da associação, Marinalva, por exemplo, destaca-se no grupo e na comunidade por conseguir articular programas e projetos junto às instituições governamentais e não-governamentais, como a prefeitura, as universidades, os institutos, e, o mais importante, com as pessoas do local.

A associação conta também com a artesã Ângela, a qual tem facilidade em administrar e prestar conta de todo material que entra e que sai na produção do artesanato. Ela, sempre que pode, está presente na realização das feiras. Podemos apresentar Pamela e Alice como as que possuem perfil de

animadoras e inovadoras, pois sempre que elas estão presentes nos encontros do grupo, são importantes para o estímulo das artesãs, e sempre contribuem com sugestões de melhorias para os produtos. Outra característica dessas jovens é que elas, por se expressarem muito bem, geralmente são as que representam a comunidade nos eventos e nas feiras, conseguindo, dessa forma, trazer informações sobre os consumidores para a produção. Além delas, temos Marizete, Rosa e Hosana, com um grande domínio das técnicas, potencial para a produção e, também, Edilânia que se destaca pela facilidade de criação das peças. Outras artesãs integram esse grupo, apresentando cada uma um potencial diferenciado e, com isso, podendo fazer a diferença para a efetivação desse movimento através da produção artesanal na comunidade.

Outra teoria que cabe trazer para a nossa discussão é sobre o lugar em que elas estão, o lugar onde residem e vivem, ou seja, o *locus*. Para Michel de Certeau (2009) existe uma distinção entre lugar e espaço²³, e esta distinção nos ajuda a entender que o lugar autoriza a distribuição dos “elementos nas relações de coexistência”, e assim “os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define” (Idem, p. 184, grifo do autor). O lugar é uma ordem que sugere um indício de estabilidade. Já o espaço faz referência às práticas vivenciadas no lugar, ou seja, “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2009, p. 184).

Os projetos e programas que são oferecidos nesses contextos populares são, geralmente, importantes para a comunidade. Podem estimular as potencialidades locais, gerar oportunidades, despertar interesses, repassar técnicas, trocar conhecimentos, como também podem gerar expectativas num grupo de pessoas, ou nos indivíduos, e não apresentar resultados satisfatórios.

Deste modo, entendemos que as equipes de facilitadores, educadores, consultores, ou simplesmente as pessoas que são responsáveis em realizar as intervenções, devem procurar apreender a contextualização do local, as relações interpessoais, para que as ações possam fazer sentido. Apresentar propostas que estejam desconectadas com a realidade do local pode não

²³ Em sua obra *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

trazer resultados positivos para a comunidade. Devemos entender que as pessoas de uma localidade como Barra do Riachão, nosso *locus* de pesquisa, possuem um sentimento de pertencimento e de reconhecimento na comunidade. Percebemos que todas as pessoas se identificam, conhecem as necessidades e reconhecem as potencialidades do local e do grupo. Projetos e programas que estejam de acordo com as necessidades do local, e que atendam as pessoas interessadas, serão sempre aceitas e bem conceituadas.

Podemos aqui fazer uma analogia da comunidade com o bairro trabalhado por Certeau (2008), como o lugar em que as pessoas se reconhecem, assim sendo como “um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (Idem, p. 40). Certeau aponta como sendo um “pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência” (Idem, p. 41).

A credibilidade das ações trazidas para as comunidades está ligada, muitas vezes, nesse reconhecimento de apresentar propostas pertinentes para as pessoas do lugar, de maneira que venham estimular, de forma efetiva, o desenvolvimento local. Diferente disso, com muito esforço das equipes externas, servirão apenas para cumprir metas institucionais. O que queremos dizer, afinal, é que as pessoas da comunidade passam a apoiar um grupo, que está produzindo em prol do lugar, quando percebem que existe coerência nas ações, caso contrário, começam a comentar negativamente, e essa reação, muitas vezes, afeta o desenvolvimento de uma ação, porque a fala das pessoas do seu lugar tem relevância, e pode contribuir para as definições e continuidades de tais projetos.

O número de pessoas que dominam a técnica do ponto de rede, em Barra do Riachão, é bem maior do que o número de pessoas que estão integradas no grupo Arte Calango, e até mesmo na associação. Porém, apenas trinta e cinco pessoas, de um universo de 772, acreditam que a intervenção de *design* poderá trazer benefícios para a comunidade. Muitas vezes, a inovação, a mudança, causa desconfiança, dúvida e só no momento em que os resultados começam a aparecer é que um grupo maior decide

participar, acreditar, e a se integrar. Entendemos que a necessidade por resultados imediatos, característica forte da nossa cultura, é um dos motivos para essa desconfiança. Porém, percebemos que o trabalho que vem sendo desenvolvido, nesta comunidade, pode estimular um maior envolvimento das pessoas em relação à produção artesanal do lugar.

Capítulo II - Barra do Riachão: o cotidiano do grupo de artesãos.

2.1. A comunidade e os sujeitos de Barra do Riachão

Contextualizar a comunidade de Barra do Riachão só foi possível a partir do momento em que conhecemos alguns atores sociais que a integram. A etapa da realização das entrevistas²⁴, nos possibilitou o acesso a informações que tornaram possível a concepção do desenho deste lugar. Os sujeitos como atores, não passivos, nos revelaram, a partir das suas crenças, idealizações, identidades e desejos, o significado do seu lugar. São indivíduos inseridos num espaço rural, fato que não os distancia do modelo de produção e consumo em que vivemos, da necessidade por emprego, por reconhecimento e valorização, como também da necessidade de desenvolvimento da sua comunidade. Dos nossos entrevistados podemos dizer que alguns são bem atuantes, e outros bem apáticos, quando se trata de buscar os seus direitos individuais e coletivos da comunidade. Neste sentido, o conceito de sujeito é muito bem delineado por Wieviorka (2006), em sua obra *Em que mundo viveremos?* O qual expressa que ser sujeito

é a capacidade de colocar em relação os dois registros que na existência de uma pessoa são-lhe dados como distintos e que, se não, correm o risco de uma dissociação total: por um lado, sua participação ao consumo, ao mercado, ao emprego como atividade remuneradora, o acesso à razão instrumental, a pertinência a um mundo “objetivo”, e de outro lado, sua ou suas identidades culturais, o acesso ao trabalho como atividade criadora, sua religião, sua memória, sua vivência, suas crenças, sua subjetividade é também a possibilidade de escolher participar. Consumir, de ser um indivíduo racional e ao mesmo tempo optar por sua identidade, sua comunidade, sua memória, de fazer essas escolhas. (WIEVIORKA, 2006, p. 51, grifo do autor)

Veremos algumas situações narradas pelos entrevistados, em que os sujeitos são reconhecidos e se reconhecem no dia-a-dia da comunidade. As escolhas em relação a mudar de cidade, o desemprego relacionado à

²⁴ Ver roteiro das entrevistas no apêndice.

ociosidade, o artesanato como uma possibilidade, são algumas das experiências descritas.

As entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade de Barra do Riachão nos mostraram, dentre outras informações, a importância do rio Una na vida do lugar, o cultivo na agricultura, a religiosidade, o lazer, a arte, a educação, a saúde, o trabalho, entre outros aspectos. Abriu a discussão para a questão do êxodo rural, da ocupação dos jovens e para a falta de políticas públicas apropriadas para o rural, mais especificamente para o espaço, no sentido de lugar, dado por Certeau (2009). Trataremos sobre estas questões nos itens a seguir.

2.2. Tem um rio no meu quintal

Na maioria das falas dos nossos entrevistados, de forma espontânea, o rio surgiu como um elemento importante para a comunidade. Percebemos que a arte (artesanato), o lazer, o lixo, a valorização e o desprezo estão presentes nos discursos expostos nas nossas conversas, quando o tema tratou sobre o rio. Por isso, elegemos este componente da natureza, o rio, como ponto de partida para narrar o cotidiano de Barra do Riachão.

A ligação do artesanato com o rio vem através da tradição artesanal da rede de pesca, artefato produzido pela comunidade, para a pescaria de subsistência. Da mesma forma, o lazer está relacionado à pesca e ao banho de rio, principalmente nos fins de semana. Nos depoimentos das adolescentes Pamela²⁵ e Alice²⁶, quando perguntamos o que tem de bom em Barra do Riachão, fica evidente a ligação do rio com a diversão:

Mas, o que tem de bom em Barra do Riachão... Olha, as meninas se reúnem, as minhas amigas, elas se reúnem pra ir tomar banho num barreiro, ali em baixo, pra ir tomar banho num riachão, ali em cima... Elas tomam banho, se divertem e

²⁵ Pamela tem 19 anos, solteira, veio de São Paulo com quatro anos de idade, integra o grupo de artesanato da comunidade, passou no vestibular pelo Pro Uni no curso de Comunicação Social com Habilitação em Propaganda e Publicidade. Apesar de estar entrando no curso após um mês e meio do seu início, ela demonstrava bastante empolgação. Ela iniciou as suas aulas na faculdade no dia 22 de março de 2010.

²⁶ Alice tem 18 anos, solteira, acabou de concluir o ensino médio, integrava o grupo de artesanato da comunidade, mas foi passar um tempo em São Paulo.

eu fico só olhando. Ai, isso é bom, sabe? Que eu vejo que elas se divertem bastante, eu observo, sabe? Eu gosto mais de observar. Elas se divertem bastante. (Pamela)

A artesã Cícera²⁷ nos fala da sua preferência pela pesca, atividade ligada ao rio, e o que faz quando cansa de executar o seu artesanato:

Quando não estou com vontade de fazer isso aqui, eu paro e fico mais na beira do rio pescando, adoro pescar. É o mais que eu faço, adoro pescar. E, às vezes, assim, final de semana, como sempre aparecem as colegas, a gente sempre toma uma cervejinha, né? De vez em quando. É só, é isso que a gente faz. (Cícera)

A pesca como lazer está presente também na fala de Marizete²⁸, artesã experiente, que nos indica as suas preferências e atividades do fim de semana:

Fim de semana. Eu como não costumo beber muito fim de semana, se tem festa eu vou, se não tem, sabe o que eu estou fazendo ultimamente? Meus irmãos chegaram de São Paulo, aí nós pega o anzol e vamos pescar. Passa o sábado todinho pescando, e depois come, minha irmã que adora peixe. E, jogo também, fico jogando baralho, jogando o jogo que os meninos aprenderam agora, chamado uno, às vezes também vou reunir meu grupo de escola pra fazer trabalho. Fim de semana é bem agitado. (Marizete)

No fim de semana o rio é espaço privilegiado de alguns moradores. É o que o lugar oferece aos seus residentes, e a atividade da pesca pode proporcionar um momento em família. Certeau (2008) explana sobre o fim de semana, afirmando ser o sábado e o domingo dias em que o indivíduo aproveita para se dedicar ao lazer individual e, tradicionalmente aos domingos, às atividades que envolvem seus familiares.

²⁷ Cíça, como é conhecida, têm 32 anos, casada, mãe de quatro filhos, dona de casa, integra o grupo de artesanato da comunidade. É natural de Maraial e aprendeu o ponto de rede depois que chegou a Barra do Riachão.

²⁸ Marizete tem 43 anos, casada, mãe quatro filhos, integra o grupo de artesanato, está concluindo o ensino médio, é também auxiliar de enfermagem no PSF e pretende estudar enfermagem. Aprendeu a fazer a rede de pesca com a família, mãe, tia e avó, ainda quando tinha cinco anos de idade.

Mas, nem todos fazem do rio o lugar de lazer e encontros. Nalva²⁹ deixou bem claro que a poluição do rio afasta, para ela, qualquer possibilidade de uso:

eu pra mim, eu não uso pra nada viu. Eu tenho até pavor de água, como se diz a história, porque né?! Que a maioria aqui, os banheiros são tudo despejado dentro, entendeu? Eu sou assim, sou uma pessoa assim, que eu quanto mais distância, assim, contato dessa água do rio melhor será, pra mim é. Porque quando falta água, menina, vixe Maria, fico é agoniadinha quando falta água. É porque a água do rio é muito suja.... (Nalva)

Na comunidade as casas são construídas umas de frente para as outras, como uma boa parte das cidades e lugares do interior, que têm um rio na sua geografia. Nesse formato, as construções ribeirinhas dão as costas para o rio, que se torna o quintal delas. Há apenas três anos que a comunidade de Barra do Riachão tem água encanada. O abastecimento de água era feito através de carros pipa, pois a água do rio não era, e ainda não é, apropriada para o consumo da população. Também há pouco tempo que as pessoas começaram a mudar a postura em relação ao rio, e incentivaram a sua não poluição. Segundo Marinalva³⁰, a luta da comunidade, principalmente das mulheres, pelo direito ao abastecimento d'água foi frequente. Ela nos narra uma conversa tida com o prefeito, na tentativa de resolver o problema do abastecimento d'água, num dia em que a comunidade exigiu melhorias:

Não tinha água na torneira não, era um carro pipa. As mulheres pegavam uma briga, cada uma que quisesse uma lata d'água. Eu não sei como elas viveram tantos anos não. [...] Aí eu só vi aquela esculhambação mulher, a mulher esculhambando umas com as outras, não sei o quê... Quando eu saí fora, esculhambando com o motorista do caminhão pipa. Aí eu disse: o que é isso aí? A mulher falou assim: é porque ele disse que ia parar aqui, a gente parasse, quando a gente parou ele

²⁹ Nalva tem 38 anos, solteira, mãe de dois filhos adolescentes, dona de casa, sempre produziu rede de pesca e pulsar, integra o grupo de artesanato da comunidade. Trabalhou em casa de família nas cidades vizinhas e atualmente se dedica ao artesanato. Está envolvendo a sua filha na produção artesanal.

³⁰ Marinalva tem 50 anos de idade, é mãe de quatro filhos (Andréia, Arlane, Alice e André), é presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente e integra o grupo de artesanato da comunidade. Ela falou sobre a imigração, a pobreza, o problema das drogas, a falta de emprego, como também da falta de recursos e apoio da prefeitura.

puxou o carro e foi embora. Deixou todo mundo sem água. Aí disse um monte de pilhéria. Aí eu fui e liguei pro prefeito, liguei, aí ele disse: Eu estou em Petrolina. Eu disse: Olhe prefeito, eu sei que o senhor está em Petrolina, eu tava sabendo que o senhor está em Petrolina que já me disseram. Agora só lhe digo uma coisa se não resolver essa questão dessa água aqui de Barra do Riachão, uma pessoa com responsabilidade, que venha botar água e encha os tanques do povo de água, deixe as mulheres pegar água, não fique chateando as mulheres. Sabe o que vai acontecer? Eu não sei. A turma de mulher que tá aqui vai sair daqui quebrando a pista, vai sair quebrando daqui até chegar em São Joaquim. E o que a gente for encontrando na frente a gente vai quebrando. Eu vou tá na frente disso viu prefeito! Aí ele disse: Nunca tinha visto eu dizer um negócio certo, nunca. Aí ele disse: Vá pra um orelhão, você está ligando de um celular. Eu digo: estou! Aí ele disse: Vá pra um orelhão pra gente conversar. Eu disse: Não, eu não vou não. Ele disse: Vá eu estou dizendo. Aí eu fui, quando cheguei, ele disse: amanhã de manhã quem vai chegar aí é outro motorista botando água pra o povo. Eu disse: Eu espero que seja porque se não for quem vai tomar uma decisão agora sou eu. Que quando você chegar aqui você vai saber o que é que está acontecendo. Aí ele mudou mesmo. (Marinalva)

Apesar dos moradores contarem hoje com o abastecimento de água encanada, ainda falta atender a várias necessidades em sua infra-estrutura, uma delas é melhorar o saneamento básico. Para se ter um exemplo, o lixo antes era jogado pelos próprios habitantes no rio. Após uma ação referente à coleta de lixo, realizada através da associação junto ao NUSP, em que se conversou com a comunidade, e foi solicitado, à prefeitura, o envio de um carro coletor de lixo mais vezes por semana, reduziu-se a cultura de jogar lixo no leito do rio. Com isso, percebemos que, muitas vezes, faltam informação e mobilização. Neste caso, as pessoas souberam exigir e melhorar a sua coleta de lixo. Vejamos:

O carro do lixo saía daqui de oito em oito dia, não ia meio se quer, hoje o carro do lixo sai se derramando que não cabe, duas vezes por semana. Não só foi o lixo que cresceu é porque o povo tá coletando mais, porque eles deixaram de jogar no leito do rio. [...] Se você vê uma pessoa jogar... Às vezes o povo escuta o baque dentro d'água, aí já vem dizer: você está jogando o lixo no rio, né?! Uma pessoa que diz com outra pessoa. (Marinalva)

Contudo o problema da poluição do rio não foi resolvido totalmente, pois, segundo a população, teria que se fazer uma ação conjunta com as cidades vizinhas, por onde ele passa anteriormente:

Então isso significa o quê? Falta... mobilização, eu chegar ao prefeito, por exemplo, de Agrestina e eu dizer: prefeito a gente quer fazer em Agrestina o que a gente fez em Barra do Riachão. Porque vocês sujam o rio de Barra do Riachão. O rio de vocês que passa em Barra do Riachão, né?! (Marinalva)

A comunidade dispõe de um Posto de Saúde da Família – PSF que, para muitos moradores, presta um serviço importante. Contudo, ter um PSF não significa que está tudo resolvido. Presenciamos um surto de dengue, questão de saúde pública, e, mais uma vez, a partir da associação, foi solicitada a prefeitura uma solução:

Agora, o secretário de saúde teve aqui, nesse último mês, a dengue tá dando aqui até nas galinhas. Aí ele disse: O que é que pode fazer? Aí eu disse: Mande um carro do fumacê e um mutirão. Aí, nem apareceu o carro fumacê, nem o mutirão, nem aqueles agentes, que eu disse a ele, ele disse: mas os agentes que bota remédio nos tanques... Eu disse: não, não resolve muito não. Porque a gente vai lá tira uma bolsa não sei de onde, uma tampinha e tudo, mas sempre fica. (Marinalva)

A partir da apresentação desses problemas, que envolvem necessidades básicas para a promoção da qualidade de vida dos moradores, vimos o quanto à comunidade necessita de investimento nas mais variadas áreas. Contudo, saúde, saneamento e educação, parecem-nos as mais urgentes. Neste cenário, as lideranças do local têm consciência de que os projetos de intervenção, que chegam à comunidade, podem contribuir para esta promoção; no entanto, como a maioria das ações é executada de forma pontual, essa promoção fica comprometida.

2.3. A permanência e a não-permanência dos jovens na comunidade

Além das necessidades apresentadas no item anterior, vimos que um dos pontos mais preocupantes para a comunidade, especificamente para as mães, está relacionado à ocupação dos jovens, ou melhor, a falta de ocupação destes, à deficiência de oportunidades de crescimento intelectual e profissional. No discurso da maioria das mulheres que são mães, a preocupação é com o futuro dos seus filhos. Todas reclamam da falta de chance e de emprego na comunidade e na própria São Joaquim do Monte. Essa carência está levando os jovens ao processo de imigração. Presenciamos a angústia das mães que não podem impedir que seus filhos busquem trabalhar e estudar em outras cidades ou regiões do país.

Encontramos a nossa entrevistada Marinalva num dia de muita tristeza, desestímulo e revolta. Além de ter duas filhas morando em São Paulo, o seu filho estava cogitando ir embora para o Mato Grosso do Sul. Ao mesmo tempo, havia chegado o corpo de um jovem que dizia estar trabalhando em Caruaru, se envolveu com drogas e foi assassinado. Este fato deixou a comunidade muito chocada e as mães apreensivas:

Estou desestimulada, porque você veja, eu penso assim, mesmo não sendo pelo meus filhos, mesmo não sendo pelo meus filhos, que... pode ser que eles voltem, não é? Pode ser que meus filhos voltem e voltem a aplicar alguma coisa, amanhã ou depois, o que eles aprenderam lá fora, o que eles adquiriram lá fora, dentro de Barra do Riachão. Pode ser que isso seja tarde pra Barra do Riachão, que é bem provável que seja, que a gente está tendo as provas aqui hoje. Agora, as coisas, assim, está muito, as coisas que estão acontecendo, estão sendo fatos reais que está acontecendo na vida da gente lá fora e aqui também. E são coisas que pode ter certeza, que se a gente pudesse fazer alguma coisa, a gente ia evitar, só que a gente não faz, a gente não faz nada hoje, a gente não vai evitar. Porque hoje eu tenho duas filhas em São Paulo, tenho outro que talvez vá embora pra o Mato Grosso do Sul. André, talvez vá embora pra o Mato Grosso do Sul, e não posso impedir. Ai você vê, é... [...] o objetivo é ir embora. Do jeito que eu estou vendo, o pensamento é esse, é de ir embora.
(Marinalva)

A cidade de São Joaquim do Monte está inserida no Agreste do estado, região em que temos um grande pólo de confecção situado nas cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, além das cidades vizinhas. Muitos jovens estão indo para estas cidades, em busca de emprego. Mas, mesmo assim, o sonho de ir para São Paulo ainda atrai muitos deles. Marinalva questiona o porquê de não se investir, nessa área de confecção, também na sua comunidade, e que esse fato contribui para o êxodo e outras conseqüências entre os jovens:

Agora, que aonde ele poderia fazer alguma coisa, aqui dentro de Barra do Riachão, porque temos os exemplos ai hoje, os jovens saindo de Barra do Riachão, daqui da comunidade, por que não tem o que fazer. Não tem um trabalho, não tem um emprego. O que poderia ser desenvolvido, o que se faz em Caruaru hoje, poderia simplesmente tá fazendo aqui também, porque eles dizem Caruaru é um pólo comercial, o arredor é um pólo industrial. Então, a gente de São Joaquim, de Barra do Riachão, dessas comunidades, poderia fazer o pólo industrial, poderia ser feito. Ai... Sai um jovem como esse, não é?! Uns ficaram no cabo da enxada mais o pai, trabalhando lá, se acabando no cabo da enxada. Esse outro pensou... que não agüentou, foi embora pra Caruaru, trabalhar pra lá. O que aconteceu, se envolveu com o que não devia, porque a realidade só foi essa, porque a gente vê o zunzunzum, não é? Se envolveu com quem não devia e isso acontece muito, precisa a pessoa ser bem adulto, ou tá bem com o pé no chão. A maturidade muito grande pra não acontecer isso, hoje chega num caixão. Isso é fruto, isso é fruto do que não foi aplicado da comunidade, de pessoa, dos líderes que não fez nada, dos políticos que não fez nada. (Marinalva)

Marinalva não nos escondeu suas preocupações e mostrou um grande desestímulo, pois ela é uma das mulheres que mais trabalha para que o artesanato da comunidade ganhe um novo formato, como também mercado. Conseguiu envolver muitas jovens dos sítios vizinhos, como forma de gerar oportunidade e renda para as pessoas do lugar. Contudo, ela sabe que esta ação ainda é muito pouco para estimular mudanças significativas, já que as áreas de carências são imensas:

O que é que adianta eu me preocupar hoje só com esse grupo Arte Calango, só com esse grupo desse tamanhinho vai resolver o problema? A gente vai ter o dinheirinho no bolso, pra quê? Pra depois o povo daqui mesmo vir e roubar? Se a gente não perceber é assim que acontece, de lugares quando

começa, essa pobreza continua hoje, naquele tempo morria pobre, as comunidades morriam mesmo de fome, morriam de fome e hoje é diferente, hoje vira favela, hoje vira favela!!! Não dá outra coisa, vira favela!! Então a gente está assim... é com um pé no chão e outro na cova.(Marinalva)

No que diz respeito à imigração, uma fala muito marcante foi a do senhor Getúlio³¹. Este entrevistado é tio de Alice, que acabara de decidir ir para São Paulo. Ele tem uma ideia muito clara sobre a ilusão de buscar em grandes capitais a realização profissional, pessoal. Acha que é um engano, mas concorda que a escassez de emprego na comunidade é um fato muito relevante:

Então, é como diz a história, aqui tem muitos jovens, aqui que nem a gente ver que uma hora dessas está tudo parado ai, sentado nas calçadas, estão nas mesas de sinuca, jogando sinuca, jogando dominó, nas calçadas, batendo, soltando charada um pro outro, porque não tem um trabalho pra fazer, não tem um compromisso, uma obrigação, a fazer, porque aquele que tem um empreguinho, está no seu trabalho, cumprindo com os seus dever, não é?! **O que não tem fica ai com a cara de otário só batendo papo e esperando, é como se diz, comer o que tem, esperar o que vem pra comer amanhã ou depois.** (Getúlio, grifo nosso)

Grifamos esta parte do discurso do senhor Getúlio para materializar as ideias de Wieviorka (2006), quando traz o sujeito como negado, subtraído, privado de autonomia, por assim dizer, quando este não se enquadra nos modelos ditados pela sociedade, o modelo do consumo. Reconhecendo que o indivíduo tem as suas próprias convicções e valores, a sua liberdade pessoal, este autor afirma que “não pode haver o sujeito pessoal sem o reconhecimento do sujeito no Outro” (Idem, p. 51). A fala citada acima exemplifica este reconhecimento do outro que, mesmo ciente da escassez de emprego, deprecia as ações dos seus vizinhos.

³¹ Senhor Getúlio tem 44 anos, casado, pai de três filhos, aposentado [por invalidez, pois tem uma deficiência física], integra o grupo de artesanato da comunidade, no qual produz bolsas de palha do milho. Ele apresenta uma opinião clara sobre a questão da imigração do nordestino para o sudeste, principalmente quando se fala da cidade de São Paulo. Preocupa-se também com o fim da agricultura familiar por falta do acesso a terra e de incentivos.

Conversamos também com Dona Rosa³², comerciante da comunidade, e ela também nos falou da sua preocupação diante da saída dos jovens para outros municípios:

É... O povo, não veio mais ninguém, o povo, a metade foram se embora pra São Paulo, outros se mudaram pra Agrestina, outros pra Caruaru, e assim, a rapaziada tão tudo trabalhando em Caruaru, ai o lugar fica esquisito, né?! Sem gente. (Dona Rosa)

No que se refere ao debate teórico sobre juventude e juventude rural, trazemos as observações de Castro (2005), que aborda os paradigmas relacionados à juventude numa transição da infância à vida adulta, em detrimento da análise da categoria como ator social e da construção de identidades sociais.

Também nos reportamos a Abramovay (1998), através da sua abordagem sobre as mudanças ocorridas nos processos de sucessão, em regiões de predomínio da agricultura familiar do sul do Brasil, em que procura sugerir a inserção de políticas que possibilitem a ampliação e as oportunidades de realização profissional dos jovens no mundo rural, de forma que venha a contribuir para o estímulo ao desenvolvimento no campo. Afirma, em seu trabalho, que um dos passos mais importantes neste sentido é a valorização de atividades rurais não-agrícolas, principalmente para que as jovens mulheres rurais passem a ter interesse pela vida no campo, libertando-as, dessa forma, da necessidade de praticar a atividade agrícola, pois em sua pesquisa pôde observar que:

As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este “viés de gênero” no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores. (ABRAMOVAY, 1998, p. 16)

Dentre as várias pesquisas e estudos realizados sobre os jovens rurais, destacamos a pesquisa realizada no Estado de Pernambuco, por Wanderley

³² Dona Rosa tem 73 anos de idade, é mãe de Edileuza, tem três netos, é aposentada, não integra o grupo de artesanato da comunidade, possui um ponto comercial e fornece almoço. Ela estava com dengue quando nos cedeu esta entrevista.

(2007), em que contou com a participação de 615 jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, moradores das zonas rurais de Glória do Goitá (Zona da Mata Norte), Orobó (Agreste Setentrional) e Ibimirim (Sertão do Moxotó). Esta pesquisa apresenta os desejos dos jovens em relação ao futuro, no que diz respeito ao lugar onde gostariam de morar, e a profissão que gostariam de desempenhar. Várias informações importantes emergem nesta pesquisa, uma delas explica que, mesmo com todos os problemas e limitações no campo, a vida no espaço rural é, de forma positiva, valorizada por uma boa parcela de jovens. Proporciona, também, muito dos fatores que levam os jovens a escolherem o local para viver, e revela:

Os aspectos positivos aventados dizem respeito às raízes pessoais, aos laços familiares e de amizade, à proximidade da natureza e à qualidade da vida no campo. [...] Os aspectos negativos, que justificam a recusa de muitos outros a permanecer no meio rural apontam, sobretudo, para as carências da vida local e, de modo especial, a falta de alternativas profissionais, que garantem, no local, oportunidades de emprego e renda, na agricultura ou fora dela. [...] Porém, as atividades não-agrícolas, fora do estabelecimento familiar, que foram indicadas na pesquisa são, salvo algumas exceções, igualmente muito precárias, incapazes de abrir para os jovens, novos campos profissionais. (WANDERLEY, 2007, p. 33)

Ter como projeto de vida permanecer no espaço rural, e nele realizar-se pessoalmente e na profissão, seja em atividades agrícolas ou não, é o desejo de boa parte destes jovens. Em contrapartida, outro percentual desses jovens procura atender à aspiração de ter acesso a cursos superiores (medicina, direito, música, jornalismo) a fim de vencer a exclusão, o isolamento, e integrar o meio rural à sociedade brasileira. "Nestas circunstâncias, poder vivenciar 'o melhor dos dois mundos' é, sem dúvida, um desejo dos jovens, mas que se inscreve, aqui, sobre um modo utópico e constitui mais uma demanda do que, propriamente, uma realidade concreta". (Idem, 2007, p. 33)

A maior aspiração dos jovens está diretamente relacionada a trabalho e a remuneração, por isso, os atrativos da vida urbana são convidativos, além das alternativas de lazer e estudos. Determinadas escolhas profissionais já demonstram a prioridade pela migração:

[...] dos que pensam em deixar seu local de origem: 33 (28,7%) querem tornar-se empresários, administradores ou abraçar profissões liberais; 21 (18,3%) pretendem trabalhar na educação ou na saúde; 18 (15,7%) querem ser esportistas, modelos ou artistas; 16 (13,9%) desejam seguir um ofício (serviços autônomos). Deste conjunto, 87 jovens (75,7%) não acreditam que possam realizar seu projeto profissional em sua comunidade. (WANDERLEY, 2007, p. 29)

Na nossa pesquisa, destacamos as oportunidades que surgiram para duas jovens, Alice e Pamela, as quais faziam parte do grupo de artesanato, e tiveram que tomar decisões bem diferentes. Alice tem hoje dezoito anos, nasceu em Ibimirim³³, e morava em Barra do Riachão com a sua família desde os sete anos de idade. Sem ver perspectivas na sua comunidade, ao concluir os seus estudos do ensino médio, decidiu ir passar um tempo, indeterminado, em São Paulo. Como já tinha uma irmã trabalhando nesta cidade, entendeu como uma conveniência de mudar de vida e de arrumar um trabalho. Para ela, naquele momento, foi o mais interessante a fazer. Conversamos com Alice dias antes da sua viagem. Ao falar da sua ida para São Paulo, durante nosso encontro, ela apresentava-se muito nervosa, os seus lábios tremiam, mas ao mudar de assunto, percebíamos que a sua reação também mudava, ficava mais calma.

Na entrevista³⁴, ela nos falou que ia ficar apenas até o mês de junho, e que o seu objetivo era passear, conhecer novos lugares e novas pessoas. Procuramos saber dela quais as suas ocupações, no período em que estava concluindo o ensino médio, nos disse o seguinte: “assim, no momento tava fazendo artesanato, né?! Mas não é uma coisa diretamente”. Vimos na sua resposta que, mesmo com a inserção de novas peças artesanais, e com toda a visibilidade que o grupo de artesãos está construindo, no mercado e na comunidade, ela não considera este tipo de atividade uma forma de geração de renda e sustentabilidade para o grupo, e, principalmente, para ela. Mesmo assim, considera que a ação de design “gerou um impacto no começo e mexeu com as pessoas e deixou as pessoas mexidas, com certeza. Plantou uma semente e está acontecendo essa semente, ainda está...”.

³³ Situada no Sertão do Moxotó, distante 339 km do Recife.

³⁴ Entrevistamos as duas jovens no dia 22 de março de 2010, na comunidade de Barra do Riachão.

No nosso diálogo, quando pedimos para Alice descrever a sua relação com o seu local e com as suas amizades, tivemos a seguinte descrição: “eu me divirto com as pessoas, é legal, um lugar calmo, conhece todo mundo, não é morar em cidade grande que as pessoas mal conhece as pessoas, aqui conhece todo mundo”. Vimos, nesta resposta, que ela tem consciência das dificuldades as quais encontrará na cidade grande, como também nas relações interpessoais nesse contexto. Em relação às amigas, falou: “a gente, assim, eu e o grupo das minhas amigas, a gente vamos pra igreja, à noite sempre no sábado, a igreja católica, vamos pra igreja e depois a gente fica conversando, não tem mais nada pra fazer”.

Essa ruptura, com o seu lugar de origem, está diretamente ligada a falta de oportunidade de trabalho e também de continuar estudando. Ao perguntarmos o que ela faria para mudar a realidade da sua comunidade, caso tivesse um cargo de gestor público, com o poder de decisão, expôs:

primeiramente eu tentaria investir em algo pros jovens daqui. Como assim... Está certo que o estudo daqui é bom, eu tentaria trazer mais concursos, pré-vestibular pra os jovens tentar estudar mais um pouco, fazer um pré-vestibular pra tentar um vestibular na federal, nas faculdades. Porque muitos daqui terminam o ensino médio, o terceiro ano e param, não ligam mais pra estudar. Pensam que terminam os estudos, terminando o terceiro ano. Mas não, tem o estudo todo pela frente, mais param. (Alice)

Durante a convivência com as pessoas da comunidade, percebemos o quanto a Escola Intermediário Vitória Tenório Vaz tem um papel importante, é quase unânime esse reconhecimento, até por se tratar da única escola do local. Mesmo considerando uma ótima escola, Alice mostrou-se um pouco desapontada, fez algumas críticas em relação à comunicação da gestão com os alunos:

e tem uma coisa, assim, eu estudei lá, me formei o ano passado, terceiro ano, né?! Ai o ano passado era fundamental fazer o ENEM³⁵, ai, a direção do colégio, que era pra chegar nas salas avisando que as inscrições estavam abertas, por que só era a internet, acesso a internet, ai isso era pra chegar na sala comunicando a gente, principalmente a gente que era terceiro ano, que a gente tava precisando mais do que o

³⁵ Exame Nacional do Ensino Médio.

primeiro ano, segundo ano. Mas não, não chegaram pra comunicar a meus colegas de classe. Eu me inscrevi por que eu vi na televisão, meus amigos na rua me informaram, e tal, e eu fiquei sabendo, mas a maioria da minha turma não se inscreveu. Eu acho que a direção do colégio era pra ter informado a gente, estimulado: Olha gente, vai se inscreve, estuda mais um pouco. Mas não, não chegam a comunicar isso a gente. Eu acho que está, é tão legal o estudo daqui, melhor do que o da cidade, as pessoas comentam, mas isso foi um ponto fraco da direção. (Alice)

A segunda jovem, Pamela, demonstrava um grande entusiasmo. Hoje com dezenove anos de idade, solteira, veio de São Paulo com quatro anos de idade. Integra o grupo de artesanato da comunidade, é uma das responsáveis pela divulgação dessa atividade em eventos e feiras. Passou no vestibular pelo ProUni³⁶ no curso de Comunicação Social com Habilitação em Propaganda e Publicidade, de uma faculdade privada na cidade de Caruaru. O fato de estar entrando no curso com um mês e meio de atraso, por causa da burocracia, não tirava a sua empolgação. A integração neste curso universitário possibilitou a sua permanência na comunidade, pelo menos nesse período de faculdade, junto a sua família. Pamela vai poder realizar seus estudos por causa do sistema de seleção do ProUni, ou seja, por causa da efetivação de uma política pública para o setor da educação, voltada para os jovens. Ela nos explicou o motivo do atraso para a sua entrada:

Por que é assim que funciona. Se eu tivesse passado na primeira chamada eu tinha entrado normal como todos os alunos, só como eu passei na segunda chamada, aí, o que acontece? Eu vou entrar com um mês e meio atrasada, eu vou ter que correr atrás do tempo perdido. Aí, e ainda teve uma burocracia tão grande, a pessoa pensa que..., às vezes, eu achei que fosse mais fácil fazer a prova do que tentar juntar toda aquela documentação, minha filha. Só porque eu me inscrevi, assim, que eu era parda, o que é pardo? Mulato, ai o que acontece? Você tem que, ai, perguntava lá se eu queria entrar na cota de pardos, indígenas e negros, ai eu tive que bater uma declaração que eu era parda e reconhecer firma em cartório pra poder eu levar lá. Se não, não funcionava. Menina é impressionante isso. É porque eu tive que arrumar... Ai, foi cinco opção que eu tive e eu passei na última. E só tinha uma vaga. (Pamela)

³⁶ O Programa Universidade para Todos (ProUni) tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior. http://siteprouni.mec.gov.br/como_funciona.html. Acesso em 17.06.2010.

Percebemos que esta oportunidade de fazer um curso universitário era muito desejada. No nosso diálogo, Pamela explica que até tentou trabalhar numa cidade vizinha e não deu certo. Porém, como não dava para conciliar trabalho e estudo, para ela seria um esforço sem validade:

Eu comecei numa loja, mas não passei mais que uma semana. Eu não sei por que, mais o cara de lá, né?! O meu chefe falou que eu não tinha dado aquilo que ele esperava. Infelizmente, mas é normal. Com isso a gente cresce na vida. Ai, era sobre foto, *fotoshop*. Aí, o que acontece, eu vi que você trabalha, aí tinha que pagar aluguel, pagar água, luz, você tinha que tentar se sustentar com um salário mínimo, e no final só ia dar pro trabalhar, trabalhar, trabalhar e não estudar nada. Então eu não ia crescer em nada, ia morrer de trabalhar e não ia crescer em nada, então eu vi que isso pra mim não dava certo. Aí, aqui em casa não dá, eu não tenho condições de fazer cursinho. O quê que eu fui fazer? Eu fui estudar, eu tenho o tempo livre porque eu não ia estudar? Então, eu estudava, eu lia, e faço isso sempre. Porque a minha mãe sempre pegou no meu pé pra estudar, na minha casa todo mundo estudou, até que a minha irmã ganhou uma bolsa, ela é formada, pedagoga, pela UPE de Nazaré da Mata. Vê que ela está formada vai fazer dois anos e ela não conseguiu emprego por aqui. Por que se ela esperar por prefeitura ela não consegue, então ela está fazendo concurso. (Pamela)

Quando a abordamos em relação ao que poderia melhorar na comunidade de Barra do Riachão, ela foi enfática quanto à necessidade de investimento em educação, e explica como funciona o sistema político do lugar:

Olha, a educação. [...] Tem que ser a educação melhorada, mas é, é porque é assim, o pessoal acha hoje, aqui em Barra do Riachão, que a mentalidade é pequena, acha que a única coisa, que o político vem aqui pinta e borda, e continua a mesma coisa. A politicagem, por ser um lugar pequeno, é muito ruim. É algo muito nojento, não sabe?! Porque se você for depender de prefeitura aqui você não anda, ou você é do lado do prefeito ou você não é. O pessoal gosta de falar que tem uma viúva em São Joaquim que todo mundo gosta de casar com ela, é a prefeitura. De quatro em quatro ano ou ela troca de marido ou continua no mesmo. E ninguém gosta de soltá-la. Ai, é... O que movimenta muito aqui é a política. Então o povo aqui vive disso, ou de emprego de prefeitura ou de aposentadoria de algum familiar da pessoa. E se os pais não dão condições aos jovens eles vão embora pra São Paulo. Uns porque querem e outros porque acham que..., por exemplo, eu ganhei a bolsa, não acreditava que eu ganhava, a outra pessoa que ganhou a bolsa através do ProUni também, foi o meu

primo, isso faz dois anos, então todo mundo aqui, muita gente diz: vou fazer o ENEM pra quê?! Eu não vou ter nem... eu não tenho condições de passar, isso passou Jean por que Jean é cdf. Mas, eu achava que eu ia ser um pingo no oceano, que eu não ia conseguir, mas eu consegui. Isso é normal, ai quando não vai pra São Paulo vai pra Caruaru. Eu já fui pra Caruaru e vi que não dar certo, você trabalha, se esgoela, pra no final... (Pamela)

O êxodo dos jovens da comunidade de Barra do Riachão, para outras cidades da mesma região, capitais e grandes centros urbanos, é uma realidade e está presente nas falas das mães e dos próprios jovens que nela permanecem. As nossas jovens estavam juntas no momento da entrevista, como também um tio delas. Este tio pediu a palavra para colocar a sua opinião, sobre a questão da imigração das famílias para São Paulo. Segundo ele:

Agora, dá licença pra eu dizer uma coisa? Mas é como diz a história, São Paulo, já foi São Paulo. É melhor a gente viver uma vez só aqui do que viver duas vezes em São Paulo. Sabia disso? Por que teu pai já foi lá e hoje não é mais. São Paulo é hoje um lugar que o povo mais passa fome, por que quantos têm em São Paulo tudo desempregado, não é? O seguinte é esse. Quanto tempo teu pai passou em São Paulo? [...] Agora vou dizer uma coisa: << teu pai lá em São Paulo não conseguiu nada, ele conseguiu alguma coisinha aqui>> Logo por que quando ele chegou aqui, ele tinha um padrinho forte que deu toda cobertura a ele, estás vendo? Foi o único jeito. Não tem esse que teve sucesso, aqui ninguém. (Getúlio)

Esta fala deixou Alice apreensiva e perturbada. Lembramos aqui a teoria de campo de Bourdieu (1996) e os conceitos estruturais, aflorados nessa teoria, quando se evidencia o espaço da família (o campo privado) e a sua inserção no espaço social (o campo público), retratado pela experiência de Alice em outro ambiente, fora do contexto da família, em que receberá influência de um outro lugar, e de outros estilos de vida. A posição que ela irá assumir nesse outro espaço será indicada, diretamente, pela relação do capital econômico e do capital cultural, isto se dá por que:

O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] o capital econômico e o capital cultural. (BOURDIEU, 1996, p. 19)

Pamela concordou com senhor Getúlio, acrescentou a posição dos jovens e continuou:

O que acontece? É você... Quando eu digo a educação, por que os jovens, muitos, há uma grande maioria que a gente conhece que está em Caruaru outros foram pra São Paulo e eles não vêm outra alternativa. Eles não pensam em estudar pra tentar melhorar. Aí, muitos, depois quando começa a trabalhar, que começa dentro da cidade grande, é que começa a perceber a falta do estudo que eles têm. Por que o tempo que eles estão aqui eles não percebem isso. Eles têm a escola aí, a escola não é o melhor ensino, é, dizem que é o melhor ensino da região. Mas, ela não dá todo suporte, então você tem que correr atrás, você tem que procurar, tem informações aqui que os jovens nem sabem. Por exemplo, muitos perguntam a mim, você faz o ENEM e depois faz uma prova pro ProUni? Só que não é, é só a nota do ENEM você se inscrever no ProUni. Então é o tipo de informação que é básico, era pra todos saberem, porque era pra correr atrás, só que eles não se interessam. (Pamela)

Além da faculdade, percebemos que Pamela enxerga mais uma possibilidade de crescimento, junto ao grupo que produz o artesanato. Segundo ela, a ação de intervenção em design despertou esse interesse, pois antes não dava valor a essa atividade “montar o artesanato, uma coisa que eu não sabia fazer, que é da cultura da minha mãe, mas não era a minha”. Explica-nos como surgiu seu interesse:

Comecei fazendo crochê. Mas, prefiro a rede, porque crochê você não ver crescer, eu tenho pavor de crochê, eu faço, faço, faço e não vejo crescer, e rede não, você vai e num instante você faz. Então aquilo foi me estimulando, isso foi me estimulando. Foi tentando que eu sonhasse um dia entrar na federal, conhecer pessoas da federal e saber que eu sou capaz e poder fazer. Isso me, nossa... melhorou em mim 100%. Enquanto o pessoal estava pessimista achando que não conseguia, eu achava que eu ia conseguir, eu tava ali, achava que eu ia conseguir. O artesanato me fez conhecer outros lugares, outras pessoas, fui pra feira de artesanato, é... conheci coisas que eu nunca saberia que poderia fazer com tal coisa, por exemplo, os brincos de escamas de peixe [...]. (Pamela)

Mesmo com todos os avanços, na prestação de serviços, através da presença de instituições governamentais e organizações não-governamentais, na inserção de propostas políticas, programas e ações para a juventude rural,

além das muitas discussões sobre as ocupações das pessoas nos espaços rurais, vimos, nesta pesquisa, o quanto estamos longe de atingirmos o desenvolvimento desejado desses espaços, de forma que estimule a promoção da satisfação das necessidades dos indivíduos e, assim, a manutenção desses nos seus espaços de origem. Nesse contexto, percebemos o quanto se faz necessário promover mais debates nacionais sobre a juventude rural brasileira.

Recorremos à fala de Carneiro (2007), ao abordar sobre os desejos dos jovens, no tocante a busca pelas suas realizações, seja no espaço urbano, seja no espaço rural:

Permanecer ou voltar para o campo não significa necessariamente uma derrota ou um fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha motivada pelo desejo de manter um padrão de vida possibilitado pelo fato de morar com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que, até recentemente, só eram disponíveis nas cidades. (CARNEIRO, 2007, p. 60)

Alice viajou para São Paulo em abril de 2010, com a perspectiva de voltar em junho deste mesmo ano, mas isto não aconteceu. Atualmente trabalha como atendente em uma lanchonete dentro de um restaurante em São Paulo, com uma carga-horária de onze horas por dia, de terça a domingo. Segundo ela, as três horas a mais no seu horário de trabalho equivalem ao pagamento da sua alimentação diária e alojamento no próprio restaurante, o qual dispõe de uma estrutura que acomoda todos os funcionários.

Após seis meses de carteira assinada, ganhando um pouco mais que um salário mínimo, Alice conseguiu voltar de férias (um recesso de quinze dias) para visitar a família, junto com sua irmã. Voltamos a Barra do Riachão, para conversarmos com ela, em fevereiro de 2011, e vimos que, por enquanto, sua permanência em São Paulo se efetivou, pois demonstra satisfação ao falar do seu emprego e da vida nesta capital. Apesar da carga-horária excessiva de trabalho diário, Alice está deslumbrada com a cidade grande, e o fato de ter um trabalho formalizado contribui para esta conjectura, não fornecendo razões para que ela considere que estar junto da família e, talvez, desenvolvendo um trabalho numa cidade da região ou na própria comunidade lhe garanta uma melhor qualidade de vida (WANDERLEY, 2007).

Já Pamela sentiu muita dificuldade no começo do curso universitário, por ter entrado com um mês e meio de atraso, mas agora, com a sua situação normalizada, está acompanhando todas as atividades de forma satisfatória. Contudo, mesmo cursando uma faculdade, ou seja, uma realização profissional, ela sabe que os desafios pela frente serão muitos, pois, na sua própria família tem uma irmã que concluiu o curso de pedagogia, isso já faz dois anos, e não consegue trabalho, então, ela estuda para fazer concursos, inclusive para outras cidades. Hoje, Pamela estuda e trabalha em Caruaru.

2.4. Agricultura familiar, artesanato e religiosidade em Barra do Riachão.

A participação do senhor Getúlio nas entrevistas contribuiu para a discussão sobre êxodo rural, trouxe também o grave problema da decadência da agricultura familiar, e a produção artesanal como esperança para a comunidade. Ele explica que tem uma grande preocupação com o que vai se comer no futuro, pois o que mais vê na região é plantação de capim. Afirma que a maioria das terras produtivas foi vendida, e que as famílias que antes plantavam milho, feijão, tomate e várias raízes estão ficando sem as terras para cultivar:

Agora mesmo, nós estamos num início aí um ponto de ameaça. Porque ali tem uma fazenda, ali Monte Azul, que é pra mais de, eu acho que, tem umas 45 a 50 famílias trabalhando nessa fazenda, aquele arruadozinho ali da beira da pista, ali de Monte Azul. Tanto ali como a serra, até gente daqui também tem deles que trabalha lá na fazenda. O fazendeiro está vendendo essa fazenda todinha, já vendeu a melhor parte de terra que o povo trabalhava, agora está numa ameaça de vender o resto. E quando vender essa fazenda? Então o que vai resultar? O povo vai ficar tudo de braço cruzado, um pedaço de terra não tem, porque eu digo, olha, eu falei mesmo pra o rapaz lá que depende da fazenda, né?! [...] Sim, então eu falei pra ele, olha, senhor patrão, o seguinte é esse, essa fazenda aqui na hora que você vender, essa fazenda, já venderam a maior parte, tem bem pouquinha terra, a terra que tem já não está dando mais pra o povo trabalhar. Já tem gente aí que está sem roçado, porque a área que o povo trabalhava eles já venderam. Estás vendo? Já tem desses que não vão trabalhar, assim, porque não tem aonde. Eu digo, e tem uma

coisa, quando você terminar de vender essa fazenda aqui, o que vai resultar, está ameaçando de vender, os coitadinhos daqui, que os pais de famílias, as mães de famílias, que só vi manter a família daqui, vão passar fome. Porque quem tem um refrigeriozinho³⁷, como eu tenho do governo e muitos têm, ainda dá pra ir passando, e quem não tem vai viver de quê? Vai viver só com a cara pra cima olhando os carros passar na pista. Aí não tem outra filha, aí tem que ir pro sul, tirar ticuca no sul, se matar no sul, né?! Trabalhando pra o bonito patrão que tem lá, só embolsar e dá cotovelada nos coitados dos pais de família e as mães de família. [...] A gente sai daqui pra Agrestina, Cupira, puxando aqui esse sugiro aqui, Belém de Maria, está vendo, não se tem lavoura, só o que a gente está vendo, no meio do mundo, só é capim, só é capim. A gente passa de Agrestina puxando pra Caruaru é a mesma coisa, só o que a gente vê é só capim, per aí, e aí? A gente vamos comer capim? Então só o que a gente vê, só é capim. Antes, isso aqui era tudo terra de trabalho, aqui tem uma fazenda aqui, pra mais de... pega daqui, a fazenda pega daqui sai em Agrestina, é de um proprietário só, toda no capim, está vendo? [...] Se quiser comer um feijão, um milho bom maduro, tem que comprar na cidade. Pra esse que vem da cidade é de onde, não é da agricultura? Aí a gente fica, cada dia que se passa, que é pra as coisas ir melhorando, vai piorando, porque quando piora de um lado, piora do outro. (Getúlio)

Como já dissemos, trata-se de uma comunidade rural, em que as pessoas viviam do cultivo da agricultura. Ao perguntarmos a Marizete sobre a economia local, e de que forma as pessoas sobrevivem, ela foi categórica:

Minha filha aqui é difícil, aqui, dez ou doze pessoas é que tem um salário, um emprego, né?! Tirando os idosos que são aposentados, as pessoas sobrevivem de quê? Da agricultura, trabalham um dia por cinco, dez reais, outros nem trabalham porque não tem serviço. (Marizete)

Muitas famílias ainda trabalham no plantio de terceiros e, com a diminuição das terras para este fim, conforme tratou o senhor Getúlio, esta atividade está comprometida.

Mesmo com toda essa preocupação com o futuro dos jovens e da agricultura, tanto o senhor Getúlio, como várias entrevistadas, acredita que a produção artesanal de Barra do Riachão é o que pode contribuir para que a comunidade tome outro rumo. As mulheres são as responsáveis pela produção das peças com o ponto de rede. A participação masculina no artesanato é bem

³⁷ Refrigério – no sentido de remuneração.

pequena; o senhor Getúlio é um dos poucos representantes. O seu trabalho envolve a produção de bolsas em palha do milho e as embalagens produzidas em papel. Contudo, os problemas apresentados por ele, em relação à agricultura, também comprometem a sua produção, por falta da palha utilizada, como nos explica:

Eu vinha trabalhando com o trabalho da palha de milho para as bolsas. Mas, agora eu parei porque não tem a palha, né?! Agora nós vamos esperar vim à palha de milho. Vamos plantar o milho, estamos esperando chover, pra plantar o milho que agora, dia de São José era pra nós ter plantado o milho pra comer assado na fogueira, né?! Mas a área da gente está tudo seca, ainda não choveu, se nós tivesse plantado, tinha um milhinho, mas não deu pra molhar a terra que desse pra gente plantar. Então que, eu tenho o trabalho das bolsas com a palha de milho, e agora estou iniciado pra fazer essas embalagens. Vou começar fazer as embalagens porque quando eu não tiver fazendo uma coisa, estou fazendo outra, não é?! (Getúlio)

A bolsa confeccionada com a palha do milho é um dos produtos que integra o catálogo do artesanato da comunidade. Mas, com toda essa dificuldade na obtenção da matéria-prima, este produto não é considerado carro chefe. A produção das peças com o fio de algodão natural é que garante a sustentação do grupo.

A ação de *design* junto ao artesanato, além de incentivar a produção local, possibilitou a inserção de algumas jovens. Uma delas foi Pamela, que antes não apreciava o artesanato produzido por sua mãe, e começa a perceber que, além da valorização da cultura local, o artesanato pode contribuir para a geração de renda da comunidade. Essa mudança no olhar só foi possível depois que participou da intervenção de *design*. Ela nos fala da sua evolução no grupo das artesãs. Traz também as oportunidades que surgiram após integrar a equipe do artesanato:

O que também me estimulou bastante, e me fez crescer bastante, foi Dona Marinalva com a insistência dela, porque eu não gostava de vir, vê! No início. A insistência dela de me trazer pra aqui, de querer e dizer que eu tinha potencial e todo mundo falar que eu tinha potencial e, às vezes, eu não acreditava. Isso estimulou bastante, quando a gente formou o grupo e fez à cooperativa. Não Associação.

Montar o artesanato. Uma coisa que eu não sabia fazer é da cultura da minha mãe, mas não era a minha.

O artesanato me fez conhecer outros lugares, outras pessoas, fui pra feira de artesanato, é... conheci coisas que eu nunca saberia que poderia fazer com tal coisa, por exemplo, os brincos de escamas de peixe, até hoje nós fala, não é Alice?! (Pamela)

A necessidade de se ter um emprego, ou trabalho, na comunidade é grande, e está presente no discurso de todos os entrevistados. São várias áreas de carência em Barra do Riachão. Contudo, podemos considerar um ponto de partida o investimento na produção artesanal local. Marizete entende o artesanato como uma ação inicial. Sugere a criação de outros setores de produção, e de uma maior participação da população, o que estimularia, dessa forma, a promoção de melhorias para todos:

O que a gente precisa melhorar é achar um meio de ter emprego pra esses jovens. Ter um trabalho pra esses meninos fazer, porque tem muita gente se formando. Tem muita gente que ainda não está se formando, mais está concluindo, e não tem trabalho. Eu acho que o meio seria a cooperativa. Formar uma cooperativa de artesanato, incluindo os jovens, ai podia ter reciclagem, porque numa cooperativa tem várias coisas. Não só vai ter artesanato, não é? Aí vai existir a área de reciclagem, vai existir embalagem, vai existir um monte de coisa, máquinas... (Marizete)

Ao conversarmos com a artesã Nalva sobre a sua participação na produção do artesanato, percebemos que ela entende a confecção de novos produtos como uma oportunidade de crescimento. Falou-nos que integra o grupo Arte Calango desde o início, e que a partir da intervenção de *design* observou outras formas de aplicar a técnica, e outros caminhos possíveis para a comercialização:

Eu nasci fazendo rede, como se diz a história. Rede, pulsar, essas coisas assim, né?! Já fazia, aí nós só fizemos o quê? Só transferimos a mudança da rede pra roupa, colar, é... bolero. Nós só trabalhava com esse negócio, só de rede de pesca. Nós só fazia e vendia em Caruaru, esse negócio de rede e pulsar, ai agora nós vivemos participando de muitas coisas. (Nalva)

Dona Amara³⁸ compartilha da mesma ideia de Nalva. A sua produção sempre foi rede de pesca, e agora produz peças que são feitas em menos

³⁸ Dona Amara tem 68 anos, viúva, aposentada, mãe de seis filhos (três moram em São Paulo), é dona de casa, sempre produziu rede de pesca e pulsar, integra o grupo de artesanato da comunidade. Trabalha até hoje na agricultura.

tempo, utiliza menos material e o preço cobrado estimula mais a confecção. Embora, pela sua tradição, ela nos explica que continua confeccionando as redes, indica o local que compra a matéria-prima e onde vende a rede pronta, o seu preço e o tempo de execução da peça. Em relação aos novos produtos, como colar e faixa, considera bom o seu envolvimento:

Faço rede também, quando falta fio aqui, eu compro fio e faço rede, daqueles fios que vendem lá no armazém. E vendo lá no armazém mesmo em Caruaru. Eu vendo por quinze, por treze, catorze.

Eu... se eu for fazer mesmo, com uma semana eu faço uma rede.

Isso aí é bonzinho, a gente faz as coisas em casa e vai começa um colar, não é? Termina logo. (Dona Amara)

Contudo, o grupo depende muito de parcerias e da participação em feiras. Não existe, além disso, um local apropriado ou representantes para as vendas. Esse fato desestimula algumas participantes. Percebemos que um dos problemas enfrentados pelo grupo é a pouca frequência das vendas, o que implica em baixa remuneração. Como trazemos nas falas abaixo:

Eu acho bom, né? A gente trabalha devagarzinho, só não é bem bom porque nós custa pegar num dinheirinho, né?! Demora. (Dona Amara)

Eu tenho esperança, que vá pra frente, né?! Que não acabe como se diz a história. Porque ninguém ganha muito, né?! Mas, pouco, e só em tá reunido, é importante, não é?! (Nalva)

Tivemos acesso também ao discurso de pessoas da comunidade que não fazem parte da associação, nem do grupo de artesanato. Nessas falas, percebemos certo desinteresse diante da produção atual, como nos trechos da fala de Dona Rosa, a seguir:

Olhe, pra falar a verdade eu vejo umas coisinhas assim nas meninas, mas eu não nunca prestei atenção.

As meninas estão fazendo aquelas pecinhas. Depois sai daqui e vão se embora, com Marinalva, vender lá no Recife, não é?! Movimenta sim, mas aqui ninguém tá comprando não.

Elas trabalham, vão juntando, juntando, né?! Depois quando tem a feirinha lá, elas voltam. (Dona Rosa)

Ao perguntarmos se ela achava que a produção artesanal poderia trazer algum benefício para a comunidade, respondeu: eu acho que tem pra elas que faz, né?! Acho que tem (Dona Rosa). Ao mesmo tempo, ao falarmos sobre a produção da rede de pesca, o discurso mudou.

Muita gente fazia, que eram as redes, não era? Fazia a rede, o gereré³⁹. Eu fazia, minha irmã fazia, minhas irmãs, duas irmãs faziam. Fazia rede, fazia gereré, fazia um bocado de coisa. (Dona Rosa)

As pessoas ainda fazem. Ainda continuam fazendo, dez, doze pessoas ainda fazem. Minha mãe mesmo não deixa de fazer. (Marizete)

Marizete explica que a rede, para a comunidade, tem um grande valor, pela tradição. A técnica sempre foi repassada de geração a geração. Essa tradição se confirma quando ela diz:

Ah! Eu era pequenininha, acho que eu tinha uns cinco anos, quatro, cinco, eu já nasci dentro disso. Já nasci vendo minha avó, minha tia, minha mãe, todo mundo fazendo. (Marizete)

Contudo, ao perguntarmos se ela continuava confeccionando a rede, disse:

Não. Eu fazia. Eu fazia antes do projeto de Marinalva, eu fazia rede. Antes de ter a Arte Calango, mas agora eu não faço mais não, agora eu faço peça só pro grupo. (Marizete)

Marizete é uma das artesãs mais atuantes e, no momento em que ela afirma não estar mais produzindo este tipo de peça, entendemos que seja por causa da visibilidade que as novas peças lhe dão. Da mesma forma, vemos como uma ação de intervenção influencia as concepções, interesses e ocupações das pessoas nos seus lugares.

³⁹ Gereré - Petrecho utilizado basicamente na captura do siri. Consiste de um arco de ferro galvanizado com um saco de rede (\pm malha 5), amarrado em quatro pontas com a mesma fieira do lanço. No centro do saco coloca-se uma isca (pode ser carcaça de galinha) para atrair o siri. www.fundacentro.sc.gov.br. Acesso em 17.06.2010.

Não vimos atrações turísticas na comunidade. Segundo os moradores, o que movimenta o lugar é uma feirinha ao ar livre nos domingos, a escola e as igrejas. Em relação à religião, vimos que a população conta com a igreja católica e a evangélica. Não conseguimos informações sobre a constância dos cultos na religião evangélica. A realização das missas na comunidade não é muito freqüente:

Tem a igreja católica, tem a igreja evangélica, agora eu não costumo freqüentar muito nenhuma das duas. Eu sou uma católica meio desviada. Eu acredito em Deus do meu jeito, nem frequento muito a católica, nem a evangélica. Na minha casa não adoro imagem, a única imagem que adoro é a do Deus vivo. Meu pai era assim, e eu vou ser assim até morrer, não adianta. Minha mãe adora todo tipo de imagem, minhas irmãs. A única imagem que eu tenho na minha casa é a de São Longuinho. (Marizete)

A mulher faz parte da igreja evangélica, né?! E eu sempre faço parte da igreja católica, sempre aqui, acolá é a que eu frequento. (Getúlio)

A gente, assim, eu e o grupo das minhas amigas, a gente vamos pra igreja, à noite sempre no sábado, a igreja católica. Vamos pra igreja, e depois a gente fica conversando, não tem mais nada pra fazer. (Alice)

Todo mês tem missa. Toda primeira segunda-feira, ou, todo primeiro domingo, primeiro domingo não, segundo domingo é a missa. Pronto, domingo agora, ontem foi o primeiro domingo do mês, né?! Aí pronto, quando for domingo vai ser o segundo, primeiro, segundo, é, ai vai ter missa. (Dona Rosa)

Mais detalhes sobre a feira realizada no domingo, e os lugares que as pessoas procuram para conseguir obter produtos e serviços, encontramos na fala de Dona Rosa:

Tem, tem no domingo, mas não é feira mais não, é só aquele sambinha, sabe? É,..., tem dois banquinhos de verdura. Vêm dois marchantes que matam dois cabritinhos pequenos, e pronto. E dois banquinhos de verdura, e um banco de galinha, né?! De frango, e pronto, só isso.

Em Agrestina, São Joaquim, é, tem coisa aqui que a gente precisa e não tem, é. Eu mesmo faço, quando eu vou fazer minhas compras, eu faço em Agrestina. Porque nos supermercado aqui, só tem um, assim mesmo não tem. Não tem o que a gente quer, não é?! Aí pronto. (Dona Rosa)

Apresentamos, neste capítulo, o contexto atual da comunidade de Barra do Riachão. Esta descrição nos permite afirmar que se trata de uma população ainda muito carente, de baixa renda, com a presente força do desemprego, também um intenso movimento de imigração dos jovens, que possui necessidades de melhorias na saúde, na educação, na cultura da agricultura e no saneamento básico. Contudo, as pessoas adoram o seu lugar, tentam sobreviver da arte manual, acreditam nas intervenções e enxergam-nas como oportunidade para a comunidade e, principalmente, para a manutenção dos jovens na sua terra.

Vimos que a produção artesanal é apenas um dos processos de produção de Barra do Riachão, o qual precisa passar ainda por melhorias, adquirir estabilidade de grupo, de produção e de mercado.

Capítulo III – A rede construída por nós: o olhar dos atores.

3.1. O artesanato de Barra do Riachão em Exposição

Trazemos neste capítulo a experiência do grupo de Barra do Riachão, numa das maiores feiras voltada para o artesanato da América Latina, a FENEARTE⁴⁰. Nesta feira, acompanhamos as representantes da comunidade, e coletamos opiniões sobre o produto, a partir de vários olhares de diferentes consumidores.

Com um catálogo de produtos pensados e executados, muitos artesãos esbarram na lógica de mercado. Como fazer o produto ser vendido? Como conquistar um público-consumidor? A finalização do ciclo de vida de um produto, ou seja, sua venda, pode ser considerada um dos grandes nós na produção artesanal. Tais questionamentos devem aparecer porque uma produção, para existir e atender à sua função, deve completar uma rede, e sem as vendas esse ciclo não fecha, ou seja, os nós ficam abertos.

A maior expectativa desses artesãos, assim como de muitos outros, é a aparição em feiras e em eventos voltados para o artesanato. Mas nada se compara à preparação para a participação na FENEARTE, pois é ela quem movimenta e estimula a produção das peças de Barra. Esta é a segunda apresentação do grupo nesta feira, a primeira experiência aconteceu no ano de 2009, e rendeu aos artesãos um ganho de R\$ 7.000,00 (sete mil reais). Por esse motivo, acompanhamos a artesã Ângela, para entendermos como a aceitação do produto vem acontecendo.

Para contextualizar a experiência vivenciada pelos artesãos da Arte Calango na XI FENEARTE, podemos afirmar que a diversidade de produtos oferecidos nesta feira, por vários expositores, foi bastante representativa, o que nos leva a entender que a concorrência neste espaço também era grande.

⁴⁰ A Feira Nacional de Negócios do Artesanato – FENEARTE - foi realizada no período de 02 a 10 de julho de 2010, e está na sua décima primeira edição. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC - “A Fenearte é considerada um dos mais importantes eventos do segmento na América Latina. A riqueza dessa diversidade cultural será revelada na moda, na decoração, na gastronomia, na música em mais de 800 espaços. A mistura de raças, sotaques, costumes e matérias-primas é a essência deste encontro. A expectativa da organização é que a Fenearte receba cerca de 270 mil visitantes” (MDIC, 2010).

Para isso, vale registrar que participaram deste evento vinte e seis países (Argentina, Bangladesh, Bolívia, Chile, Cuba, Egito, Equador, Dubai, Guatemala, Índia, Indonésia, Japão, Líbano, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Quênia, República Tcheca, Síria, Tailândia, Tunísia, Turquia, Venezuela e Vietnã). Além desses países, temos Pernambuco representado por vários municípios, e todos os Estados brasileiros igualmente presentes. De acordo com o MDIC, foram 800 espaços expondo produtos e serviços.

Dentro da nossa metodologia, a observação se deu no contexto da feira, onde estivemos nos dias 05, 07 e 08 de julho, em horários diferenciados, com o objetivo de entrevistar as pessoas que se interessassem pelos produtos⁴¹. Abordamos, no total, mais de cem pessoas, das quais apenas quarenta e três se dispuseram a parar para conversar um pouco conosco. Tivemos muita dificuldade nesta pesquisa, pois a pressa, a curiosidade, a falta de tempo, o momento, a forma da abordagem, foram os principais aspectos detectados nos discursos dessas pessoas e, assim, não contribuíram para que tivéssemos um número maior de informações, referentes à aceitação do produto perante os consumidores.

Nesse contexto, antes de apresentarmos as opiniões das pessoas entrevistadas, torna-se imprescindível trazermos para a discussão alguns pontos de vista de autores que tratam sobre consumo, globalização e pós-modernidade na sociedade contemporânea (Canclini (2006 / 2007), Ortiz (2003), Harvey (1993), Virilio (1989), Jameson (1985), Douglas (1979), Bauman (2010) e Bourdieu (1989 / 1996)).

Dessa forma, apresentamos o consumo sob o ponto de vista de Canclini (2006), refletido em seu livro *Consumidores e cidadãos*, no qual explica que o consumo atende a desejos, integra e comunica, emite mensagens, expressa símbolos, estimula os setores populares a pensar e é também uma forma de regular atos sociais. Nesta perspectiva, este autor não enxerga o aspecto econômico como único paradigma para o consumo, mas define como sendo um “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (Idem, p. 60), e aprofunda ao afirmar que “o consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados” (CANCLINI, 2006, p. 65).

⁴¹ Ver roteiro das entrevistas no apêndice.

Trabalhamos a temática da globalização sob a ótica de Ortiz (2003), o qual alega não ter dúvida que nesse processo “a cultura de consumo desfruta de uma posição de destaque” (Idem, p.10). Segundo ele “este tipo de cultura caracteriza uma sociedade global de consumo, modo dominante da modernidade-mundo” (Idem, p.111). Ortiz, em trabalho instigante sobre consumo e mundialização, sugere que, ao se deparar com o universo cultural, devem-se ter prudências para não reduzi-lo apenas a dimensão econômica, porém não nega a sua interação, e explica que nos primórdios “o universo do consumo surge assim como lugar privilegiado da cidadania. Por isso os diversos símbolos de identidade têm origem na esfera do mercado” (Idem, p. 122).

Mais além, em entrevista concedida a Marzochi (2007), Ortiz explica que diante da problemática da globalização econômica e tecnológica, como também da mundialização da cultura, devem-se compreender as novas formas de organização da vida social no mundo contemporâneo, e aponta a diferença entre pós-modernidade e globalização:

Há ainda um aspecto que as separa: a *pós-modernidade* valoriza as diferenças, e sua perspectiva tende a contrapor o particular (as identidades) ao todo. A temática da globalização tem uma visão transnacional; não são tanto as diferenças que contam, mas sua “integração” ou organização numa totalidade que transcende os mundos particulares. De alguma maneira, o declínio do debate sobre a *pós-modernidade* tem a ver com isso. Sua visão dificilmente poderia apreender os problemas contemporâneos em escala transnacional. Problemas ecológicos, guerras, fragilidade do Estado-nação, economia financeira, culturas mundializadas, são temas que escapam aos postulados pós-modernos. (MARZOCHI, 2007, p.104)

Ao analisar a globalização, a qual estamos vivenciando, Canclini (2007) afirma ser este processo inevitável, incerto, instável, de forma que torna o social e a política inconstantes. Traz ainda que se imagina ter um lado integrador, com consenso na perspectiva econômica, mas que, ao mesmo tempo possibilita migrações e fronteiras as quais resultam em fraturas e segregações. Segundo este autor, no livro *A globalização imaginada*, é necessário, para quem se dedica e pesquisa a cultura, neste movimento, “repensar como fazer arte, cultura e comunicação” (CANCLINI, 2007, p. 8). De

forma que se percebe, nessa complexidade, a cotidiana, a circulação e ao consumo cultural, e não apenas tangencial entendido globalização circular, do ponto de vista mais abrangente, ligada a vida pela grande maioria como intercambio apenas econômico. Desse conflito, surgem diversos modos de imaginar a globalização, de forma que:

a amplitude ou estreiteza dos imaginários sobre o global evidencia a desigualdade de acesso àquilo que se conhece como economia e cultura globais. Nessa concorrência desigual de imaginários, vê-se que a globalização é e não é aquilo que promete. Muitos globalizadores vão pelo mundo simulando a globalização. (CANCLINI, 2007, p.10)

Comenta dois desses modos, o da globalização como estratégia da cultura hegemônica, relacionada à exploração dos países pobres, movimento intensificado na segunda metade do século XX, e a globalização imaginada por “sujeitos coletivos e individuais” (CANCLINI, 2007, p.29), como instituições governamentais, empresas, artistas, intelectuais, produtores de cinema e televisão de países dependentes, os quais procuram introduzir suas produções em negócios extensos.

Alega também que muitos desses disseminadores sugerem a criação de uma nova cultura, tentam explicar, através da cultura, como uma solução de emergência, ordenações as quais são inexplicáveis no âmbito econômico, midiático e do consumo. Nesse processo, a globalização opera através de instituições e organizações “de toda escala e mercados de bens simbólicos” (Idem, p. 9) o que dificulta a identificação e o controle, diferente do que acontecia em épocas em que o sistema econômico, comunicacional e artístico eram em nível nacional.

Canclini trabalha com as várias narrativas para explicar o significado da globalização, porém, a interação entre as sociedades é o aspecto que não pode deixar de ser discutido, em nenhuma instância. Declara ser nesse processo de interação que aparecem as diferenças entre o global e o local, e que, este último evidencia as culturas periféricas. Tal procedimento proporciona trocas e influências de experiências cotidianas, de discursos, de posturas, tanto do local para o global e, no mesmo movimento, do global para o local.

Imaginar a igualdade de acesso, no consumo de produtos e serviços, na conquista de espaços, de direitos e de expressão, para os cidadãos do mundo, é uma realidade apenas de discurso, por isso Canclini (2006) aponta que a resistência e a reorientação das produções populares são um processo constante nesse movimento global. O consumo tornou-se um indicador de integração, e imaginar-se cidadão, principalmente nos setores populares, tem a ver com a relação direta desta participação.

Nessa conjuntura, lembramos aqui Carlo Ginzburg (1987), quando trata em sua obra *O queijo e os vermes*, sobre a circularidade das ideias a partir da narração do cotidiano de um moleiro, conhecido por Menocchio⁴². Trata da história de um indivíduo inserido no contexto popular, o qual era capaz de produzir ideias originais, e tinha uma opinião bastante clara e crítica sobre religião e sociedade, fato que contradizia o discurso e o pensamento do alto clero, no século XVI. Contemporâneo da Inquisição, preferiu morrer a silenciar as suas ideias. O que deixava os inquisidores perplexos era a possibilidade de um camponês dominar tais pensamentos; quais seriam as suas influências? Como alguém comum, de crenças populares podia expressar tais ideias? Para Ginzburg:

mesmo que Menocchio tenha entrado em contato, de maneira mais ou menos mediada, com ambientes cultos, suas afirmações em defesa da tolerância religiosa, seu desejo de renovação radical da sociedade apresentam um tom original e não parecem resultado de influências externas passivamente recebidas. (GINZBURG, 1987, p. 30)

Ginzburg traz para esta discussão a circularidade entre a cultura da elite e das classes subalternas. O que não deixamos de acompanhar em tempos de globalização. A produção de pensamentos produzidos pelas classes populares, muitas das quais, estão vinculadas a história oral, nos fala da cultura popular. Neste conceito de circularidade, Ginzburg aponta para o pensamento de Bakhtin⁴³, quando esclarece sobre a existência de “uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante” (Idem, p. 24).

⁴² Chamava-se Domenico Scandella. Nasceu no ano de 1532 em Montereale, numa pequena aldeia nas colinas de Friuli e queimado por ordem do Santo Ofício. Sua singular história é narrada através dos seus depoimentos na obra *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*.

⁴³ Ginzburg utilizou a tradução francesa de Bakhtin: *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance* (Paris, 1970) [Trad. bras.: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Hucitec, 1987].

Entendemos assim, que não há barreiras nem limites para o intercâmbio entre tais culturas, o fluxo de informações é uma via de mão dupla. Porém, o que há, mesmo em tempos de globalização, é o discurso predominante da cultura hegemônica sob a subalterna, e isto fica mais claro nas combinações e transações presentes no cotidiano das sociedades modernas.

Sabe-se que, apesar das intensas diferenças de identidades, de crenças e de pensamentos, existe na globalização um movimento de negociações e de acordos que não impedem o aumento dos intercâmbios nas redes de comércio e consumo. Consumo que está presente e tem uma relação direta com a pós-modernidade, na sociedade contemporânea.

Sobre a pós-modernidade, trazemos uma abordagem a partir do processo de modernização capitalista, em que são implantadas novas formas de organizações e de tecnologias, e com isso a noção de tempo e de espaço fica atrelada a uma nova articulação social, a novas práticas político-econômicas, nas relações de poder de classe, refletindo dessa forma, na vida social e cultural, a aceleração do consumo, a luta pelo poder, a produção de bens e serviços e as próprias relações sociais que se encontram descentralizadas.

Nessa conjuntura, Harvey (1993) apresenta a dinâmica da sociedade com características efêmera, instantânea e descartável, e sendo estas, segundo o autor, mais perceptíveis a partir dos anos 60. Compartilham das mesmas noções de tempo e espaço, Virilio (1989) e Jameson (1985). Virilio discute sobre as quebras das barreiras espaciais e da utilização dinâmica do tempo, ou seja, da velocidade do tempo, enfatizando a tecnologia e os seus efeitos no mundo contemporâneo. Esclarece que os movimentos atuais levam a geometria do tempo a assumir uma importância maior do que a geometria do espaço, e afirma que, com isso, cria-se uma cidade instantânea e, assim sendo, a cidade se fragmenta a ponto de ultrapassar a forma urbana tradicional. Como consequência, explica que “a cidade deixa de ser um lugar de produção para ser um lugar de comunicação e até de diversão” (Idem, p. 138).

Jameson, por sua vez, trabalha a experiência da pós-modernidade não como um estilo ou um período, mas sim como uma vida social que apresenta duas características predominantes, chamadas de pastiche e esquizofrenia.

Traz-nos sua noção de tempo e espaço através desta abordagem, em que explica a utilização do termo pastiche para justificar que tudo já fora inventado, modificado o valor, que não mais existe a inovação estilística, mas sim, sua falência, como também da arte, do novo e o encerramento do passado, como se nada mais tivesse sentido. Já a sua relação com o tempo é tratada como o conceito de esquizofrenia, pois toma como exemplo o sujeito que não consegue discernir a relação de tempo real, passado e futuro, ou seja, vive no mundo irreal.

Esta relação é feita também por Harvey (1993), ao expor que “em comparação com a vida numa sociedade que se transforma com menos rapidez, hoje fluem mais situações em qualquer intervalo de tempo dado e isso implica profundas mudanças na psicologia humana” (Idem, p. 259). Harvey faz referência a Jameson, em relação ao termo esquizofrenia empregado, e explica que a volatilidade das experiências torna difícil o planejamento a longo prazo, como também fica complexo manter qualquer sentido firme de continuidade. Apresenta um sistema onde tudo está atrelado ao uso de signos e imagens, que são transformados em mercadoria pelo desenvolvimento capitalista, com a finalidade de manter-se na constante competição do mercado.

Ainda sobre o pós-modernismo, Harvey (1993) explica, em contrapartida, que toda sua dinâmica gera também um movimento contrário à instabilidade e fragmentação social provocada. Começa a perceber um interesse e uma valorização por instituições básicas como a família, a comunidade e a religião, refletindo as necessidades de se conviver com hábitos mais seguros e valores mais duradouros numa sociedade incerta. Enfim, tem-se uma tendência na busca pelas raízes históricas.

Entendemos, com isso, que o desafio contemporâneo passa a ser a constituição de práticas sociais que garantam o acesso à informação, aos bens e serviços necessários a sobrevivência de todos, de forma mais democrática, não tão radical como nos arraiais, nem tão supérfluo como na pós-modernidade, mas sim uma constituição que trate de projetar uma reestruturação do tempo e do desenvolvimento dos seus espaços territoriais, políticos, sociais, econômicos e culturais, com a finalidade de se ter qualidade de vida e de se realizar práticas que dêem sentido às sociedades contemporâneas e futuras.

Voltando à nossa pesquisa, realizada durante o período da participação do grupo de Barra do Riachão na feira de negócios, vimos que a pressa, a falta de tempo das pessoas, o desinteresse e também a falta de informação, não permitia que os sujeitos parassem para fazer alguma reflexão. As pessoas que nos atenderam aceitaram responder depois que explicávamos um pouco sobre a história do grupo, e sobre o nosso objetivo, de forma que estas falas nos trouxeram informações pertinentes para a pesquisa.

Em sua maioria, ao perguntarmos o motivo pelo interesse e pela compra do produto, ouvimos adjetivos como bonito, alinhado, maravilhoso, estiloso, interessante, diferente, inovador, versátil, ousado, atraente, sempre com frases muito rápidas. Selecionamos algumas respostas, como exemplo, para contextualizar os olhares produzidos, a partir do produto inserido no espaço da feira.

Trazemos as falas de seis entrevistadas, que expõem a falta de tempo como justificativa para a não efetivação da compra. Vejamos então, a entrevistada nº. 4 diz: “adorei a junção da arte com a técnica da rede”. Ao ver os boleros indagou: “ficou muito estiloso, não comprei agora, mas vou voltar para ver com calma”. Já a entrevistada nº. 7, se desculpa: “achei fantástico, que idéia, heim?”. Acabara de chegar à feira, e estava apenas olhando para depois comprar os produtos que mais gostasse. A entrevistada nº. 10 explicou: “gostei muito, achei interessante, mas não comprei porque cheguei agora e ainda tenho a feira toda para ver, mas é bonito”. A entrevistada de nº. 12 falou: “amei, muito bonito. Esses produtos estão interessantíssimos”. Prometeu voltar mais tarde para comprar. A entrevistada de nº. 21 disse: “acho um produto diferente, interessante. De onde é mesmo?”. Já a entrevistada de nº. 43, enfatizou: “achei o colar muito assanhado, não faz o meu estilo. Gosto de uma coisa mais comportada. Mas pra quem gosta, é diferente”.

Quando a compra era efetivada, víamos a satisfação das clientes, mas mesmo assim, as respostas eram muito objetivas, pontuais. Esse sentimento se expressa no discurso das seguintes entrevistadas: a de nº. 5 explicou que “comprei um colar porque achei muito bonito”. Ao perguntarmos se usaria o produto de forma diferente, respondeu: “vou usar como colar mesmo, adorei a ideia”, a de nº. 40 falou: “achei lindo, muito diferente. Vou usar muito esse colar”, referindo-se à peça que acabara de comprar, e a de nº. 23 contou que:

“comprei, adorei; não sabia que tinha esse trabalho artesanal. Achei maravilhoso”.

Contudo, tivemos também algumas respostas mais elaboradas, importantes para uma análise específica referente às características físicas dos produtos. A partir dessas respostas, podemos levar ao grupo de Barra do Riachão mais informações sobre a receptividade desses produtos no mercado. Vejamos as falas de nove entrevistados em relação às características dos produtos, em que sete são mulheres e dois são homens: a entrevistada nº. 17 afirmou, na sua resposta, que há possibilidades de trabalhar mais a peça adquirida, quando diz “já comprei no ano passado, pois era a novidade, não posso ver nada diferente que compro. Comprei um desses (referindo-se ao colar) natural e coloquei madrepérolas”.

A versatilidade das peças é indicada nas falas das entrevistadas nºs. 22, 32, 37 e 38. A entrevistada nº. 22 afirmou que “comprei um bolero e um colar, achei lindo”. Acrescentou que vai usar o colar como uma pulseira, ou talvez como cinto; já o bolero, como casaquinho. “Vou comprar mais uma peça para levar para a minha tia em São Paulo”. Já a entrevistada nº. 32, relatou: “achei bem bacana e comprei logo que vi. Vou usar de várias formas”, referindo-se ao bolero; A entrevistada de nº. 37, disse que achou “interessante, criativo, prático e bonito”. Comprou um colar e explicou: “vai valorizar a roupa, especialmente a básica, levanta o astral” e a entrevistada de nº. 38 avaliou como “excelente, eu gosto do colar porque dá para usar como cinto, também no cabelo. Acho diferente, gosto das cores, é fácil de combinar, é bem exclusivo, eu consumo e recomendo”.

As limitações também são expostas na resposta da entrevistada de nº. 24, ao afirmar que: “achei ousado, mas não usaria, pois já sou muito gorda e ele tem muito volume. Não faz muito o meu estilo, talvez usasse de outra forma”, referindo-se ao colar.

A exclusividade desejada por alguns consumidores é apontada na fala da entrevistada de nº. 27, ao relatar que “gosto dos produtos, mas não usaria, apenas o bolero, e talvez o xale. Compraria o bolero, não é um produto popular, tem um público específico, segue uma tendência atual que valoriza o crochê e a linha. Usaria esta peça com uma roupa bem limpa. O xale é o mais convencional, tem que saber usar”.

Já as respostas masculinas foram as seguintes: o entrevistado de nº. 29: “achei muito diferente. Você compra uma peça e tem como explorar e usar como quiser, de diferentes formas. Achei bonito” e a do entrevistado nº. 39 foi: “pegar uma técnica que já se sabe e transferir para algo, para um produto que pode gerar renda é muito importante”.

A partir dessas respostas, percebemos a diversidade de olhares, e os classificamos em categorias. No próximo item, trazemos mais um pouco sobre esta discussão, em torno da representatividade do produto artesanal de Barra do Riachão.

3.2. Os diversos olhares

3.2.1. O olhar dos atores externos

Considerando que, ao expor um produto, estamos sujeitos a ver e ouvir os mais variados tipos de reação, e que a percepção do valor empregado ao produto pode indicar a posição social das pessoas, apresentamos a seguir as opiniões dos entrevistados. Apesar de não termos obtido um maior volume de entrevistas neste evento, como gostaríamos, conseguimos ter acesso a olhares de pessoas das mais variadas referências, como artistas plásticos e *designers* (9,30%), consumidores comuns (67,45%), representantes de ONG's com foco em comercialização (2,30%), produtores de artesanato (16,30%) e de pessoas que acreditam em projetos sociais (4,65%). Dessa forma, classificamos os olhares em cinco categorias: técnicos, leigos, artesãos, atravessadores e o socialmente favorável.

Vimos que as opiniões diferem, e isto se deve ao resultado das experiências vivenciadas por cada indivíduo, como também, do seu lugar de fala e de pertencimento, que estão atrelados a um contexto histórico e social. Em relação aos valores dados pelos sujeitos, Bourdieu (1989) explica que “quando o olhar é produto do campo a que ele se refere, este, com todos os produtos que propõe, aparece-lhe de imediato dotado de sentido e de valor” (Idem, p. 285). Nessa abordagem, entende-se o significado da produção dos

diferentes olhares, a partir de experiências particulares, pelos quais nos deparamos nos discursos dos entrevistados da nossa pesquisa.

Ter acesso a escolas, museus ou literaturas pode ser percebido como um privilégio de alguns, enquanto outros constroem o olhar sem tais referências, absorvidos pela experiência cotidiana. Assim, a opinião do técnico formado em artes plásticas e *design*, presentes na nossa pesquisa, difere da opinião do consumidor comum, entendido aqui como leigo. Neste caso, os técnicos foram mais exigentes quanto às características dos produtos. Questionam a forma e a função, e a maioria não comprou nenhuma peça. Ao mesmo tempo, os consumidores comuns chegavam e compravam o produto, sem elaborar critérios.

Tivemos também as considerações de pessoas que buscam, no produto artesanal, características formais que facilitem o seu repasse, ou seja, pessoas tidas como atravessadores, que buscam nesse tipo de evento perceber os seus futuros fornecedores, pessoas que compram o produto para repassá-lo. Desse perfil, trazemos uma opinião de que tais produtos deveriam ser comercializados em regiões mais frias, fora do contexto nordestino. Essa fala nos alega a valorização do produto em outros contextos, distante do seu lugar de origem, de forma que se dê um sentido, podendo ser até apelativo.

Outra categoria de olhar foi a de pessoas artesãs. Nessa fala, a artesã explica que comprou uma peça para customizar. Indica que seu gosto busca por produtos mais elaborados, com inserção de mais elementos, para que se torne, por exemplo, um produto *standard*⁴⁴. A estandardização dos produtos, na sociedade de consumo, torna-se um dos aspectos significativos da globalização. Ortiz (2003) não nega a presença deste aspecto, e reforça que, nesta sociedade de consumo, a industrialização penetra até mesmo o campo cultural. Entretanto, indica que esta padronização não deve ser considerada como a homogeneização dos costumes, mas sim como a consagração da cultura hegemônica.

Uma quinta categoria de olhar foi do consumidor preocupado com o social, com o excluído, o socialmente favorável. Consumidor que adquire um produto por ter consciência de que está contribuindo para melhoria de vida de

⁴⁴ Processo de produção que torna o produto com características universais, padronização, produto ligado à tendência de moda.

um grupo. Vemos muito este discurso atualmente, focado no social, na sustentabilidade ambiental.

Esses olhares, além de trazerem informações importantes para a nossa pesquisa, como também para a comunidade produtora, apresentam um perfil diversificado de visitantes na feira, e que, mais uma vez, retrata a globalização da qual estamos inseridos.

O consumo de um produto pode refletir várias questões simbólicas e de valor. Capaz de imprimir uma representação social, de ter um cunho de interesse, pode criar um estilo e indicar a origem do usuário, o seu gosto e as suas referências, indicar mudança, entre outros aspectos.

Já a autora Mary Douglas (1979) traz que o consumo, ou o ato de eleger um produto e/ou serviço, está diretamente ligado à comunidade em que o indivíduo está inserido. Seja numa comunidade hierárquica, seja numa comunidade que preza pela igualdade dentro do seu grupo, a concepção de escolha de um produto não se dá de forma isolada. Douglas explica que toda sociedade impõe regras e normas a seus membros, e isto é o que implica viver em sociedade. O indivíduo, ao agir diferente dentro da sua comunidade, pode provocar reprovação e, até mesmo, isolamento. Afirma que “vivir en una comunidad significa aceptar sus normas, lo cual a su vez significa, o bien desempeñar los roles aprobados, o bien negociar para que se acepten los nuevos, o bien sufrir la desaprobación pública” (DOUGLAS, 1979, p.51).

Com a finalidade de entender o mundo em que vivemos, Bauman (2010), na obra *Mundo consumo: ética del individuo en la aldea global*, assegura que estamos vivenciando uma sociedade global de consumidores, de forma que os padrões de comportamento, deste ser consumidor, afetam a todos os demais aspectos na nossa vida, seja no trabalho ou na vida familiar. Explica ainda que, neste hábito das sociedades contemporâneas nos sentimos pressionados a consumir mais.

Esta discussão sobre consumo se insere nesta pesquisa porque o evento FENEARTE parecia garantir, para os artesãos, um sucesso nas vendas dos produtos, como se o público desta feira fosse uma comunidade de consumo sacralizada. Então, o que temos é um evento que gerou uma grande expectativa nestes artesãos e que, de certa forma, o resultado deixou o grupo frustrado. Esta frustração da expectativa existe, por se tratar de uma das

poucas oportunidades que eles têm de aparecer, e de serem lançados no mercado. Este fato preocupa-nos porque pode contribuir, de forma significativa, para a desarticulação do grupo.

Analisando este resultado, consideramos alguns aspectos que podem ter contribuído para que o grupo não tenha atingido o saldo esperado. O primeiro refere-se à quantidade de concorrentes no mesmo espaço de feira, apresentando as mais variadas tipologias de peça artesanais (como já citamos, as produções nacionais e internacionais). O segundo aspecto pode estar relacionado à forma de apresentação do grupo neste evento, pois não aparecia como Barra do Riachão, e sim, como integrante de uma rede, a Rede dos Municípios Saudáveis, apoiado pelo NUSP. O terceiro aspecto está relacionado à própria forma de exposição dos produtos neste espaço. Esses aspectos foram percebidos nos discursos dos visitantes que observaram o estande.

Qual o nó desta rede está solto? O que falta para o sucesso do grupo? Com qual olhar devemos prosseguir? Seria simplesmente criticar uma ação, como tantas outras, que movimentou e despertou nos artesãos a possibilidade de buscar um mercado fora da sua região, e, com isso, melhorar de vida através da sua produção artesanal. Uma ação que gerou e que gera expectativas nas pessoas. Imaginar que seria melhor a ação não ter acontecido? Que estas pessoas continuassem sem acesso as informações adquiridas?

Pensamos que não, e entendemos que a frustração pode se transformar em desafio para este grupo. Ter acesso à informação, a lugares antes desconhecidos, ao mercado, a pessoas, é o que o grupo vem herdando como um dos resultados da ação. A partir de então, fica evidente as necessidades do grupo, como a falta de investimento na apresentação (estande próprio, material gráfico), ausência de estratégias de mercado e de inovação contínua no produto. No estágio em que se encontram, a articulação para promover mais investimentos, na produção e no grupo, é uma das prioridades.

Deparamos-nos, então, com uma realidade em que existem várias lacunas a serem preenchidas, quando nos reportamos à ideia de desenvolvimento local. Neste sentido, estamos diante de um cenário que apresenta contradições. Trata-se de um lugar o qual dispõe de capital social e humano, que utiliza recursos e valores locais, envolve atores externos e

internos na tentativa de beneficiar as pessoas da comunidade, possui uma organização popular em formato de associação, tem como iniciativa investir numa produção local para gerar oportunidade de trabalho e renda, e que, contudo, possui falhas.

Entendemos que não há um plano de ação, nem recursos financeiros, de forma que a produção se organiza de acordo com os acontecimentos, ou seja, apenas se tiver algum evento próximo ou algum convite externo. Além disso, todas as ações estão centralizadas numa única pessoa. Enxergamos também que existe uma grande dependência em relação aos projetos e programas que atuam na comunidade, e isso faz com que o grupo, de certa forma, não se sustente.

3.2.2. O olhar dos atores internos

Para os artesãos da comunidade de Barra do Riachão, a FENEARTE não teve o resultado esperado. Em números, venderam próximo de R\$ 3.000,00 (três mil reais), e explicaram que os motivos desse efeito foram: a realização do mundial de futebol no mesmo período do evento, as cheias provocadas pelas últimas chuvas no estado de Pernambuco e, por fim, a localização do estande no espaço da feira⁴⁵ (Ver ilustração no apêndice). Segundo as artesãs, os produtos mais vendidos foram os boleros e os colares. Na nossa pesquisa, também verificamos que tais produtos foram os mais aceitos pelo público, principalmente o feminino.

Contudo, a feira é um dos eventos dos quais o grupo pode participar. O seu peso tem significado pela expectativa gerada, e porque o grupo não tem, em sua comunidade, um local para comercialização. Novamente, trazemos aqui mais uma questão ligada ao desenvolvimento local, pois um grupo que produz, e divulga a sua cidade, vem lutando a mais de dois anos, junto às autoridades locais, por um espaço físico na comunidade, e a situação não é

⁴⁵ O estande estava localizado numa esquina e na posição 173, em relação aos 800 estandes expostos. Segundo elas, estava muito escondido e muito no início da feira, assim, as pessoas não viam ou não voltavam após realizar todo o percurso da feira.

resolvida. Sabemos que esta necessidade dos artesãos é fundamental para a sustentabilidade da produção e do grupo.

Apesar disso, a persistência e as melhorias obtidas na produção artesanal da comunidade são consideráveis. Nos discursos das artesãs (Capítulo II – item 2.4), esta afirmação é clara. O que precisamos entender é o valor simbólico dessa produção para os integrantes do grupo Arte Calango. Para isso, vamos considerar, mais uma vez, o contexto em que estas pessoas estão inseridas. Utilizamos o universo das pessoas entrevistadas na FENEARTE, para perceber as distinções destas em relação ao grupo de artesãos estudado. Levamos em consideração as informações com mais frequência nos nossos diálogos.

Condições	Distinções entre os hábitos dos atores	
	Atores externos	Artesãos da comunidade de Barra do Riachão
Local em que estão inseridos	Centro urbano	Comunidade rural
Atividades produtivas diárias	Trabalho em empresas, instituições; Frequenta instituições de ensino.	Trabalho na produção artesanal; Atividades domésticas; Agricultura.
O que faz nas horas de lazer	Tem acesso a: cinema, eventos, teatros, praia, shopping (lojas e restaurantes), museus e shows.	Normalmente acontece reunião de família, pescaria, assiste TV e escuta música.
Como percebe o artesanato	Produto alternativo (na mesma esfera de produtos orgânicos, bicicleta como meio de transporte, ...); Em alguns casos percebe como valorização da cultura local.	Como uma fonte de renda e valorização da cultura local.
Acesso a mídias	TV, rádio, internet, revistas, jornais.	TV e rádio*.

Grau de escolaridade	A maioria com formação universitária	A maioria com formação primária e ensino médio completo. Apenas uma artesã faz faculdade.
----------------------	--------------------------------------	---

*O acesso à internet existe, apenas entre os jovens, e acontece em casa de amigos e familiares, mas a maioria acessa nas *lan houses* de Agrestina, cidade vizinha.

A relevância desta distinção serve para mostrar a dinâmica de gosto que pode ser produzida, ou refletida, pelo lugar social desses atores. Estar inserido no mundo rural não significa estar desatualizado, em parte. Ao convivermos com as pessoas da comunidade, percebemos que elas têm acesso às informações com mais frequência através do rádio e da TV. E, é claro, buscam apenas as informações que lhes interessam, e que dizem respeito às suas necessidades. Enquanto que para os atores externos, urbanos, as mídias são mais acessíveis, mais frequentes, e chegam aos seus olhos e ouvidos informações além dos seus interesses.

Nas atividades produtivas, não negamos a presença das tarefas domésticas no contexto urbano. Mas vimos esta responsabilidade com mais frequência no cotidiano das mulheres rurais, o que muitas vezes impede a saída delas para trabalhar ou estudar, como é o caso da artesã Edilânia, a qual sua família não permite, ao menos, cursar uma faculdade, com receio de que ela não permaneça com eles na comunidade.

Esta jovem de 19 anos é moradora do Sítio Barra da Palmeira, vizinho à comunidade de Barra do Riachão. Com o ensino médio completo, ela dedica seu tempo para criar acessórios e desenhar figurinos de moda. Sua mãe é costureira, e foi por meio dela que aprendeu a arte da costura. Edilânia não sabe cortar as peças, nem modelar, mas as desenha com exatidão. Em 2008, ela teve uma experiência com a empresa Floresbela, grupo pequeno e familiar que confeccionava bolsas e carteiras, que chegavam já cortadas, para que ela executasse a etapa da costura. Esta produção envolvia outras pessoas da sua família e da comunidade. Com a queda das vendas do produto, a produção das bolsas, que funcionava no sistema de terceirização, foi cancelada.

Atualmente, Edilânia produz embalagens de papel para o grupo de artesãos Arte Calango, cujo objetivo é obter retorno financeiro com as vendas dos produtos artesanais. Sonha em fazer um curso na área de moda, mas seus

pais são agricultores, e a sua responsabilidade passou a ser as atividades domésticas⁴⁶. Este foi o motivo que a sua mãe alegou quando perguntamos sobre o seu desejo em continuar criando e executando peças, como também, sobre a possibilidade de cursar uma faculdade.

É clara a diferença de acesso aos lugares e espaços, quando falamos em lazer. Para aumentar as possibilidades de lazer na comunidade de Barra, é preciso visitar cidades vizinhas. No urbano, temos acesso com mais facilidade, e em qualquer dia da semana. A frequência, nestes lugares e espaços descritos, pode contribuir para uma formação estética do olhar, por isso é relevante para o nosso dia-a-dia.

Torna-se difícil ao produtor artesanal, inserido neste contexto, atender a todos os gostos estéticos, das pessoas que têm acesso a mais formação e a inúmeras produções culturais. Ao mesmo tempo, a aquisição de uma peça artesanal, pelos atores externos, pode indicar ousadia em busca de sair do convencional estilo urbano, tornando-se uma opção alternativa. Como também, temos o consumo consciente, realizado através de pessoas que valorizam a produção artesanal.

Sem dúvida, as produtoras enxergam o seu produto como uma possibilidade de geração de renda. Algumas o valorizam pela tradição do ponto de rede de pesca. Apesar disso, ao perguntarmos à artesã que cursa faculdade, e às jovens que estão em São Paulo se elas, em algum momento, já apresentaram ou usaram o produto nestes espaços, elas afirmaram que não. Imaginamos que, neste caso, elas preferiram seguir as tendências dos produtos utilizados pelo grupo com quem convivem. Usar um colar que representa a sua comunidade não seria interessante por lembrar/indicar o seu lugar de origem, a sua identidade (CASTELLS, 1999).

As artesãs apostam nas inovações obtidas através da ação de *design*. Porém, percebemos que ainda há necessidade de se continuar com as orientações técnicas para o grupo. De forma que, ao indagarmos algumas das artesãs se, no momento em que elas assistem TV (novelas, seriados, programas), percebem a presença de peças artesanais compondo os espaços,

⁴⁶ Sobre as atividades desenvolvidas pelos jovens nos espaços rurais ver as pesquisas de Ricardo Abramovay, Maria de Nazareth Baudel Wanderley, Maria José Carneiro e Elisa Guaraná de Castro.

ou acessórios de moda como adorno para enfeitar as pessoas, e a resposta foi que não percebem. Ou seja, elas ainda não desenvolveram esta observação dos produtos similares, os quais estão na mídia indicando as tendências da moda.

O público da FENEARTE, ou seja, deste espaço que consome artesanato é exigente, pelo universo apresentado, e, dessa forma, entendemos que as peças de Barra do Riachão precisam ter um melhor acabamento, para garantir sua aceitação e sobrevivência no mercado. Esta dedução pode ser argumentada com o depoimento de uma cliente, que diz comprar o produto para acrescentar madrepérolas, como também, outra cliente que diz ser assanhado⁴⁷ e, por isso, não compra. São opiniões que trazem esta necessidade de inserções de elementos, para a melhoria da apresentação do produto.

Todos estes argumentos nos levam novamente a justificar as preferências, escolhas e hábitos a partir das análises de Bourdieu (1996), quando traz a teoria do espaço social e espaço simbólico. Nesta teoria, este autor afirma existir um condicionamento social atrelado a uma realidade, que faz com que uma determinada classe assuma uma posição que corresponde a uma classe de *habitus*⁴⁸, ou seja, de gostos e preferências, os quais geram “um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo” (Idem, p. 21). Daí surgem os princípios de diferenciação, revelados através da teoria da distinção, com os quais se percebe traços distintivos, por meio de propriedades que são entendidas através da relação com outras propriedades.

A partir desta discussão, vimos que as práticas vivenciadas na comunidade, da nossa pesquisa, em relação à comunidade externa (agentes, consultores e compradores) são de fato diferentes. Contudo, imaginamos que tais diferenças não impedem o consumo da produção artesanal do grupo, mas esclarece que os distintos hábitos devem estar claros para quem produz, ou seja, os artesãos devem entender as principais características do seu público-consumidor; isto sim fará diferença no momento da aceitação do seu produto

⁴⁷ Trata-se de um modelo de colar que tem os fios com tamanhos diferentes e soltos, o que passa a idéia de assanhado.

⁴⁸ O autor traz o *habitus* como um “princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p. 22).

no mercado. Para isso, precisa-se definir um público e, a partir de então, investir em pesquisa tanto dos costumes deste quanto de produtos similares ao da produção. Este investimento pode trazer soluções como a inserção de novos materiais, formas e acabamentos, os quais facilitarão a venda das peças artesanais.

CONCLUSÃO

Debater sobre extensão rural, novas ruralidades e o cotidiano de Barra do Riachão foi uma caminhada de pesquisa, conversas, viagens, estudos e dedicação, muito prazerosa e significativa para a nossa construção acadêmica e pessoal. Entendemos que os estudos sobre a extensão rural, atrelado às novas ruralidades, são de extrema importância para constatar a realidade e despertar o interesse pela busca de novas estratégias e soluções, voltadas para o espaço rural, ou seja, para a sociedade brasileira, sociedade esta que tem como maioria em seu cenário as comunidades rurais.

Ter Barra do Riachão como *lócus* e objeto de estudo foi um privilégio, e fundamental para o desenvolvimento dessa discussão sobre as formas vivenciadas nas comunidades rurais, para a melhoria da qualidade de vida. Neste caso, tivemos como estratégia a produção artesanal. Encontramos um campo fértil para a nossa análise, e pessoas solícitas, dispostas a participarem desse processo, como também transparentes no relato das informações. Trazer uma questão real para o nosso debate foi essencial no desenvolvimento desta pesquisa. Assim, concordamos, mais uma vez, com Bourdieu (1996) quando diz que “não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada” (Idem, p. 15).

A nossa observação partiu da utilização da ferramenta de *design* na produção artesanal, no contexto rural. Mesmo acreditando que esta ferramenta pode facilitar a inserção do artesanato local no mercado, por trabalhar com um olhar mais universalizado, com referências e conceitos, temos consciência de que se torna pouco ao pensarmos em desenvolvimento local, ou seja, apenas este tipo de ação não resolve o problema, tamanhas são as necessidades.

Discutir sobre os reflexos das ações estimuladas pelas políticas públicas, ou a ausência delas, não é uma questão nova. Por se tratar de uma das vias que podem estimular o crescimento das comunidades, este tema - políticas públicas, já vem sendo tratado na maioria dos trabalhos em que se discute sobre desenvolvimento local. Na produção do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX - existem

vários casos apresentados. O que significa que tais políticas são importantes, mas que, em sua maioria, precisam de reformas.

Nas discussões teóricas sobre desenvolvimento local, vimos que as soluções podem vir, de forma mais efetiva, a partir das necessidades tratadas junto às comunidades, através da descentralização do poder público, partindo das esferas Federal, Estadual para a Municipal e seus distritos.

A busca pela qualidade de vida é uma das ideias quando tratamos sobre o tema desenvolvimento local, imaginamos como sendo o objetivo para todos os integrantes dos espaços, rural ou urbano. Nas conversas com as pessoas que vivem no meio rural, da nossa pesquisa, um dos pontos positivos, que nos leva a crer numa possível caminhada para a qualidade de vida, são conhecimento e reconhecimento que todos os moradores têm no seu espaço, questão em que tratamos com Certeau (2008) quando fala sobre o domínio no espaço social. A maioria afirmou que a comunidade é tranqüila, que é um lugar em que todos se conhecem, ainda não existe violência (do tipo assaltos, assassinatos) e sim ajuda mútua. Esta realidade difere e muito da vida na cidade grande.

Outra questão presente, apesar das nossas críticas em relação às políticas públicas, voltadas para o desenvolvimento local, é que não se fala em fome. Todos os entrevistados dizem ter alimento e, quando algum vizinho demonstra precisar, sempre alguém auxilia. Esta relação de boa convivência nestes espaços pode-se refletir na qualidade de vida. Consideram o serviço educacional satisfatório, pois dispõem de uma escola que oferece cursos até o ensino médio.

Contudo, existem muitas outras lacunas que estão em aberto. A própria infra-estrutura da comunidade é precária. Para que se tenha uma ideia do contexto, as casas construídas sob o leito do rio foram todas atingidas pelas enchentes em 2010. Muitos moradores perderam tudo o que tinham. A única ponte que dá acesso à comunidade apresenta uma estrutura precária; as chuvas de 2010 só agravaram esta situação. Falta transporte público, o comércio existente é mínimo; contraditoriamente as chuvas, o local está muito seco e quente o que dificulta o cultivo de grãos e raízes (feijão, milho, macaxeira, inhame...).

Toda a pesquisa nos leva a afirmar que as políticas públicas ainda estão longe de assegurar o desenvolvimento local, em Barra do Riachão. Deve-se investir em tais políticas de forma mais apropriada, ou seja, mais próximo à realidade. O que se torna um desafio, pois cada comunidade tem as suas especificidades; contudo, discutir com as pessoas que nelas vivem pode contribuir para essa construção. Neste distrito de São Joaquim do Monte, uma das políticas mais urgentes deve ser voltada ao público jovem, que continua sem perspectiva, e isso torna o êxodo para outras cidades um fato real.

Em relação ao artesanato, decorremos na nossa introdução que existem, no Brasil, várias instituições, governamentais e não-governamentais, que focalizam o seu trabalho no desenvolvimento desta produção. Isto se deve à relevância que este tipo de atividade representa na nossa cultura, e nos índices econômicos. Apesar dessa realidade, só agora é que algum tipo de intervenção chega a Barra do Riachão.

A produção artesanal é uma prática da comunidade, independente das ações realizadas junto aos moradores. Mas a sobrevivência desta produção andava meio incerta. Podemos concluir que a intervenção de *design* estimulou o grupo, fez ressurgir a vontade de criar e produzir, com o objetivo de gerar renda e integrar os jovens da comunidade. Vimos, desde o início da nossa participação, que algumas pessoas da localidade tinham perfil e um grande potencial para sustentar este tipo de ação. Característica distinta em relação a muitos outros lugares dos quais executamos ações similares.

Apesar disso, percebemos atualmente uma desarticulação do grupo, de certa forma, deve-se ao fato de ter criado uma dependência em relação às instituições executoras. Faz mais de um ano que a ação de *design* não retorna, e isso reflete no desenvolvimento dos integrantes. O ideal, neste tipo de intervenção, é que haja uma manutenção, mesmo que pontual, mais periódica, para que o grupo se sinta forte, estimulado e seguro. Esta segurança acontece no momento em que se conquista o mercado; dessa forma, o grupo consegue articular as suas próprias ações.

Os parceiros, em especial a Rede dos Municípios Saudáveis, o Conexões/UFPE e a prefeitura local são responsáveis, muitas vezes, pela saída do grupo para expor em outras localidades. A participação na

FENEARTE, na FEMUPE⁴⁹, no CAC⁵⁰ e na antiga feira do peixe do Pina/Recife⁵¹, são alguns exemplos. Exterior a estas ações, não presenciamos a articulação e preparação do próprio grupo, por isso, afirmamos haver uma dependência em relação às instituições parceiras. Essa postura deve-se à falta de maturidade do grupo, que pode e deve conduzir seu crescimento, tendo também como possibilidade atuar na busca de novas instituições de apoio ao artesanato.

As observações e os discursos obtidos durante o período dos eventos, os quais acompanhamos, em especial a FENEARTE, contribuíram de forma significativa para a realização da nossa análise, pois possibilitou uma abordagem mais direta quanto à produção artesanal do grupo, na sua comunidade e fora dela. A partir dessas análises, foi possível perceber os seus aspectos distintos, e indicar sugestões para a continuidade desta produção.

Assim, em relação aos produtos, sabemos que precisam passar por mais reformas, e por uma melhor definição de público. Isso significa que necessitam de mais consultoria das áreas de *design* e empreendedorismo. *Design* para que possam oferecer produtos inovadores, continuamente, e empreendedorismo para que entendam, de forma mais organizada, o funcionamento de uma empresa, a construção de um plano de ação, a conservação da produção e dos clientes, e, primordial, as metas de produção e retorno financeiro para cada integrante. Dessa forma, podemos pensar na manutenção do grupo e de sua sustentabilidade.

Nesta pesquisa, focamos os debates em torno de uma atividade não-agrícola, voltada para a área da cultura popular: a produção artesanal e todos os aspectos que a compõem, através da apresentação do cotidiano dos moradores da comunidade. Para a nossa surpresa, a instabilidade, a dúvida, a incerteza dos jovens na comunidade foi um dos aspectos que mais chamou a atenção. A produção artesanal, apesar de ser secular, na sua nova configuração, apresenta-se viva e com muitas possibilidades de crescimento. Mas, entendemos que outras ações são necessárias, outras pesquisas poderão contribuir para a discussão como: meio-ambiente, agricultura familiar, planejamento urbano, educação, saúde, entre outros.

⁴⁹ Feira dos Municípios de Pernambuco - ver ilustração 07 no apêndice.

⁵⁰ Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

⁵¹ Dia da Promoção da Qualidade de Vida - ver ilustração 08 no apêndice.

Esperamos que o debate aqui apresentado, através da realidade de Barra do Riachão, sirva para ampliar as discussões no que se refere às comunidades rurais e suas formas de sobrevivência, como também em torno do que se discute sobre a prática da extensão rural e do desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

Sites

<http://www.mte.gov.br/noticias/conteudo/10689.asp>. Acesso em 11.03.2010.

<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em 18.07.2009.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 11.02.2011.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=980. Acesso em 11.03.2010

<http://mais.cultura.gov.br/2009/02/09/promoart-promocao-do-artesanato/> . Acesso em 11.03.2010

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=4&menu=2046>. Acesso em 11.03.2010

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=4¬icia=9938>. Acesso em 20.08.2010

<http://www.artesol.org.br/principal2.php>. Acesso em 14.03.2010

<http://www.sebrae.com.br/uf/mato-grosso-do-sul/areas-de-atuacao/artesanato/>. Acesso em 14.03.2010.

<http://www.visaomundial.org.br/Envolvase/DireitoemA%c3%a7%c3%a3o/Com%c3%a9rciosolid%c3%a1rio/tabid/135/language/pt-BR/Default.aspx>. Acesso em 14.03.2010.

VAINSENER, Semira Adler. *Artesanato do Nordeste do Brasil*. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 11 de março de 2010.

Catálogo

CAVALCANTI, Cláudia. Da sede ao pote. São Paulo, Comunitas, 2003.

Texto em PDF

PAB. Glossário do programa do artesanato brasileiro. Base conceitual, em pdf, 2008.

Revista

MARZOCHI, Samira Feldman. Mundialização, modernidade, pós-modernidade: entrevista com Renato Ortiz. Revista Ciências Sociais Unisinos. Campinas, v. 43, nº 1, p. 103-105, jan/abr 2007.

Livros e Dissertações

ABRAMOVAY, Ricardo. ABRAMOVAY, Ricardo (coordenador) In: *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Edições UNESCO, 1998.

ALMEIDA, M. das Graças A. Ataíde. “A Construção da imagem do MST pela imprensa”. In Navaes, A.M. & Barros, H. M. (orgs) *Novas Perspectivas sobre a produção Social da Agricultura do Nordeste*. Recife: APIPSA/UFRPE, 1999.

_____ & Mata, V. C. S. *Cotidiano e Imaginário dos Moradores de Serra Velha-Timbaúba-Pe, Frente Ao Impacto das Novas Tecnologias*. Dissertação de Mestrado. PPG-Administração Rural e Comunicação Rural CMARCR-UFRPE, 2000.

_____ & Pedrosa, C. *Extensão rural cotidiano e ONG: um estudo de caso das mercês Cabo de Santo Agostinho – PE*. Dissertação de Mestrado. PPG-Administração Rural e Comunicação Rural CMARCR-UFRPE, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Mundo consumo: ética del individuo en la aldea global*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BOISIER, Sérgio. “El desarrollo territorial a partir de La construcción de capital sinérgico”. In: *Estudios Sociales*, n. 99, Santiago de Chile, 1999.

BROSE, Markus (organizador). *Participação na Extensão Rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local*. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O capital social – notas provisórias*. In. NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (organizadores). *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.

_____ *O poder simbólico: memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____ *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____ & DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARNEIRO, Maria José. *Juventude e novas mentalidades no cenário rural*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (organizadoras). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

- CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate*. UFRRJ, 2005.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. *Extensão rural: polissemia e resistência*. In: *Extensão rural: polissemia e memória*. Recife: Bagaço, 2007.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Introdução ao estudo das culturas populares*. In: _____. *As culturas populares no capitalismo*. Editora brasiliense, 1981.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- _____. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2006.
- COLEMAN, James S. *Capital Social y creación de capital humano*. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps). *Capital Social*. Zona Abierta, 2001.
- DEL GROSSI, Mauro Eduardo e SILVA, José Graziano da. *O Novo Rural: uma abordagem ilustrada*. Londrina: IAPAR, 2002.
- FRANCISCO, Andrés de (Comps). *Capital Social*. Zona Abierta, 2001.
- FREIRE, Paulo - *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro/RJ. 8ª Edição. Paz e Terra. 1983.
- FROELICH, José Marcos. *Turismo Rural e Agricultura Familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local*. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUGLIELMO, Antonio Roberto. *A pré-história: uma abordagem ecológica*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

HOBSBAWM, Eric J. *Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernidade e sociedade de consumo*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 12, 1985.

JESUS, Paulo de. *Sobre Desenvolvimento Local e Sustentabilidade – algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa*. In: PEDROSA, Ivo; MACIEL FILHO, Adalberto; ASSUNÇÃO, Luis Márcio (orgs.) *Gestão de desenvolvimento local sustentável*. Recife: EDUPE, 2007.

LAVILLE, C. e DIONNE, Jean. *A construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MELO, Eduardo Barbosa de. *Extensão rural e artesanato: o bordado manual de agricultoras do sítio Varjada, Passira PE*. Dissertação de Mestrado. POSMEX - UFRPE, 2007.

MÉLO E SILVA, José Carlos de. *Culturas populares, hibridização e novas ruralidades: reconversões culturais na cerâmica figurativa do Alto do Moura, Caruaru, Pernambuco*. Dissertação de Mestrado. POSMEX - UFRPE, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1996.

OLIVEIRA, Francisco. *Aproximação ao Enigma: que quer dizer desenvolvimento local*. Polis.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PEVSNER, Nikolaus. *Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos*. São Paulo: Loyola, 2006.

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. *Tendências atuais dos estudos sobre cooperativismo*. In: _____. O cooperativismo agrícola em questão. Recife: Editora Massangana, 2006.

PUTNAM, Robert D. *La comunidad próspera. El capital social y la vida pública*. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps). Capital Social. Zona Abierta, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.), ALMEIDA, Laurinda Ramalho e BRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *As vozes do mundo: reinventar a emancipação social para novos manifestos*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Cidade Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 2007.

TAUK SANTOS, Maria Salett. *Comunicação Rural – velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local*. In: LOPES, I.V; FRAU-MEIGS, D; TAUK SANTOS, Maria Salett (Org) Comunicação e Informação. Identidades e fronteiras. Intercom. São Paulo/Recife. 2000.

_____. *Desenvolvimento local e cidadania: desafios e estratégias de comunicação da gestão participativa popular da Prefeitura de Camaragibe/PE*. Trabalho publicado no VI CONGRESSO ALAIC, Santa Cruz de La Sierra, Bolívia – 05 a 07 de junho. 2002.

_____. *Receptores imaginados: os sentidos do popular*. In: Anais do XVII Encontro da COMPÓS, Grupo de Trabalho Recepção, usos e consumo midiáticos. São Paulo: UNIP, junho de 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENTURA, Gilda B. C. *Preparar os filhos para o futuro: um estudo de caso das bordadeiras da cooperativa de produção artesanal e industrial de Limoeiro Ltda – COOTARMIL*. Dissertação de Mestrado. CMARCR – UFRPE, 1977.

VIRILIO, Paul. *Entrevista a Christian Descamps*. In: Idéias Contemporâneas; entrevista de *Le Monde*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

VIRILIO, Paul. *Entrevista a Laymert Garcia dos Santos*. In: América; depoimentos. Editora Geral: Nirlando Beirão.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro*. In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná de (organizadoras). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?* São Paulo: Perspectiva, 2006.

APÊNDICE**Mapa do município de São Joaquim do Monte / PE**

Ilustração 01 - Localização do município de São Joaquim do Monte em relação ao estado de Pernambuco, região Nordeste e Brasil.

Imagens da Comunidade de Barra do Riachão e da Produção Artesanal



Ilustração 02 - Barra do Riachão.



Ilustração 03 - Agulha de bambu, principal ferramenta para a confecção das peças. Fonte: Chico Atanásio.



Ilustração 04 - Artesãs produzindo boleros.

Participação em Eventos



Ilustração 05 - Primeira participação do grupo Arte Calango na FENEARTE 2009. Estande da Rede dos Municípios Saudáveis.



Ilustração 06 - Segunda participação do grupo Arte Calango na FENEARTE 2010, Estande da Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis.



Ilustração 07 - Participação na Feira dos Municípios de Pernambuco – FEMUPE - em 03 de julho de 2008, no estande da Rede dos Municípios Saudáveis. Feira realizada no estacionamento do Paço Alfândega, Recife.



Ilustração 08 - Dia da Promoção da Qualidade de Vida, evento realizado no Pina, Recife, no dia 11 de abril de 2010.

ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS NA COMUNIDADE DE BARRA DO RIACHÃO

1. Dados pessoais

- Nome completo e idade;
- Estado Civil;
- No caso de ter filhos, quantos são;
- Escolaridade;
- Qual a ocupação;
- Origem e Nacionalidade;
- Qual a opinião em relação à comunidade que mora;
- Permanência na comunidade.

2. Contextualização da comunidade

- Ressaltar os pontos positivos e os negativos no dia-a-dia da comunidade;
- Indicar o quê movimenta Barra do Riachão;
- Qual a economia do lugar;
- Se o turismo está presente;
- Quais são as lideranças comunitárias;
- Quais as instituições presentes;
- O quê é produzido na agricultura e na pecuária e como funciona;
- Como está o acesso a saúde e educação (o quê a escola oferece);
- Qual a ocupação dos jovens;
- Indicar as melhorias para a comunidade;
- História e origem do lugar.

3. Sobre a produção artesanal

- Existência e Manutenção da produção das redes de pesca;
- Significado do artesanato para a comunidade;
- Tradição da técnica (com quem as pessoas aprenderam ou aprendem a técnica artesanal do ponto de rede de pesca);
- A abrangência desta produção;
- Qual a organização popular presente na comunidade;
- Participação em feiras e eventos;
- Expectativa em relação à FENEARTE;
- Como acontece a organização da produção artesanal (produção mensal, fornecimento do material, tempo de execução, quem são os clientes, como as vendas estão acontecendo...).

4. Sobre a intervenção de *design*

- Quais as expectativas em relação às novas peças artesanais implementadas após a ação de *design*;
- Quais foram os impactos gerados;
- A participação das pessoas da comunidade nesta intervenção.

5. Cotidiano de Barra do Riachão

- Como é o dia-a-dia em Barra do Riachão;
- Como acontece o fim de semana da comunidade (sábado e domingo);
- Qual é o lazer das pessoas;
- Quais as instituições religiosas presentes;
- A presença de feiras e eventos;
- A relação da comunidade com o rio que passa nela;
- Uso dos meios de comunicação (televisão, mídia impressa, internet)

Roteiro para a realização das entrevistas na FENEARTE

1. Dados pessoais

- Nome completo e idade;
- Escolaridade;
- Qual a ocupação;
- Feminino/ Masculino.

2. Sobre a produção artesanal

- Conhecimento sobre a produção artesanal de Barra do Riachão;
- O motivo que leva a comprar ou não o produto da comunidade;
- Para as pessoas que compraram: de que forma utilizaria o produto.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

(POSMEX)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão, Pernambuco.

Pesquisadora Responsável: Auta Luciana Laurentino

Orientadora: Professora Dr^a Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

O presente projeto foi executado pela pesquisadora Auta Luciana Laurentino do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX - e realizado através de entrevistas gravadas por meio de áudio, como também houve observações em torno das atividades de trabalho dos participantes. As entrevistas foram realizadas com as pessoas moradoras da comunidade de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte / PE. Algumas perguntas foram feitas para que pudéssemos ter respostas mais diretas, e outras permitiram maior liberdade ao entrevistado para dizer o que desejasse. Essas entrevistas foram gravadas com a autorização dos entrevistados e realizadas em datas e horários convenientes para os participantes do estudo. Durante as observações das atividades de trabalho, alguns dados foram anotados com a permissão do participante e ele poderá pedir que qualquer informação seja retirada.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
RG _____, autorizo a pesquisadora Auta Luciana Laurentino a
incluir minha entrevista e imagem como elemento de análise e estudo.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha
participação na pesquisa e concordo em participar, como voluntário, do projeto
de pesquisa acima descrito.

Estou ciente da utilização dos conteúdos das entrevistas, assim como de
imagens. Como também afirmo ter recebido uma cópia deste termo.

Data: Barra do Riachão, _____ de fevereiro de 2011.

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora : _____

ANEXO



Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Relatório de Artesãos por Estado

Período: 01/01/2006 a 30/09/2009

Total: 34109



Programa do
Artesanato
Brasileiro

Estado	Qtd
AC	109
AL	4834
BA	6832
CE	4121
DF	2461
ES	2007
GO	42
MA	163
MG	1201
MS	1076
MT	3504
PA	447
PB	416
PE	2512
PI	34
PR	224
RJ	2434
RN	734
RO	49
RR	4
RS	429
SE	472
TO	4

Tabela n. 1